



Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

Vanessa Avelino Gomes

A Relação entre a Inteligência Espiritual e a Resiliência Emocional na Gestão

Maio 2020



Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

Vanessa Avelino Gomes

A Relação entre a Inteligência Espiritual e a Resiliência Emocional na Gestão

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Gestão de Recursos Humanos

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Regina Maria Oliveira Leite

Maio de 2020

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-SemDerivações

CC BY-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0/>

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Epígrafe

*"Divina é a natureza do mundo em que vivemos,
com suas alegrias e seus sofrimentos."
Gottfried Wilhelm von Leibniz*

*"Ser você mesmo é tudo o que você pode fazer"
Audioslave*

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais por terem-me dado a vida, à minha avó fonte de toda doçura e paciência e a mim mesma por tudo aquilo que sou, por tudo aquilo que me tornei ao longo dos anos e por tudo aquilo que enfrentei.

Agradecimentos

Sou grata primeiramente à Deusa Mãe e a Deus Pai.

A mim mesma, aos meus pais, à minha avó materna e outros antepassados, pela graça da vida.

A toda a equipa da ATUPO, aos meus guias espirituais e familiares pelo suporte nos momentos de dificuldades, encorajamento e motivação.

À Professora Doutora Regina Maria Oliveira Leite, minha orientadora, pela indispensável e sábia orientação nos vários aspetos desta dissertação, pela amabilidade, paciência, disponibilidade, pela análise minuciosa, extremamente detalhada e crítica.

Ao Professor Doutor Roque Rodrigues Antunes, por ter disponibilizado a versão em português da SISRI-24, pela disponibilidade, amabilidade, paciência, encorajamento, por acreditar no meu potencial como ser humano e profissional e pela indicação de bons livros e artigos.

Ao Professor Doutor Ricardo Abreu, pelo valioso contributo científico e técnico, pela orientação especializada dos procedimentos estatísticos deste trabalho, pela paciência e pela inestimável ajuda e colaboração no processo de tratamento estatístico dos dados empíricos e indicação de bons materiais de estatística.

À Dr.^a Melissa Matias Silva, pela solidariedade revelada e pelo apoio técnico na revisão e formatação desta dissertação.

Aos meus 104 respondentes em Portugal pela oportunidade que proporcionaram de se disponibilizarem na participação da minha pesquisa, apesar do turbulento ambiente organizacional de que fazem parte, ao que sem eles seria inviável o desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus colegas, em especial, ao amigo de anos, Doutor Kaíque Dias Bento pelas dicas e materiais disponibilizados para o sucesso desta pesquisa.

Aos autores das escalas originais, SISRI-24 e CD-RISC-10, por a terem disponibilizado para o meu estudo.

Aos outros professores e autores que disponibilizaram algum artigo seu de revistas e jornais que estava fechado ao público.

A todos vocês, sou eternamente grata!

Resumo

A presente pesquisa tem como propósito analisar a relação existente entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional na gestão, duas temáticas que têm atraído a atenção de acadêmicos e práticos nas organizações. Com vista à orientação desta investigação, formulou-se a seguinte questão: Qual a relação entre a inteligência espiritual (IE) e a resiliência emocional (RE) em gestores?

Para responder à questão de investigação realizou-se um inquérito por questionário composto por duas escalas: uma de inteligência espiritual (Inventário de autoavaliação de inteligência espiritual – IAIE com 16 itens, versão portuguesa da escala SISRI-24) e outra de resiliência emocional (Connor and Davidson Resilience Scale with 10 itens – CD-RISC-10), além de um conjunto de variáveis sociodemográficas. Esta pesquisa contou com a participação de 104 gestores portugueses.

Para analisar os dados foi utilizado o programa SPSS versão 26. As pontuações dos respondentes na escala IAIE e suas dimensões apontam para níveis médios de inteligência espiritual, o mesmo se verificando na escala de resiliência emocional. Os testes de comparação de médias revelam a existência de diferenças estatisticamente significativas nas escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional em função de algumas variáveis demográficas e profissionais. No que concerne a relação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional na gestão, encontrou-se uma correlação positiva, embora baixa.

Palavras-chave: Gestores; Inteligência Espiritual; Resiliência Emocional.

Abstract

This research aims to analyze the correlation between spiritual intelligence and emotional resilience in management, two subjects that have attracted the attention of academics and practitioners in organizations. The following question was asked in order to guide this investigation: What is the relationship between spiritual intelligence (SI) and emotional resilience (ER) in managers?

To answer the research question, a correlational study was carried out compounding two scales: the first is about spiritual intelligence (The Portuguese version of the Self-Assessment Inventory of Spiritual Intelligence – SISRI-24) and the other of emotional resilience (Connor and Davidson Resilience Scale with 10 items – CD-RISC-10), in addition to a set of sociodemographic variables. This survey was attended by 104 Portuguese managers.

To analyse the data the SPSS version 26 was carried out. Respondents' scores on the IAIE scale and their dimensions point to average levels of spiritual intelligence, as do the emotional resilience scale. The means comparison tests reveal the existence of statistically significant differences in the scales of spiritual intelligence and emotional resilience due to some demographic and professional variables. Concerning the relationship between spiritual intelligence and emotional resilience in management, a positive, albeit low, correlation was found.

Keywords: Managers; Spiritual Intelligence; Emotional Resilience.

ÍNDICE

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros	ii
Declaração de integridade	iii
Epígrafe.....	iv
Dedicatória	v
Agradecimentos	vi
Resumo	vii
Abstract.....	viii
Listas de Abreviaturas e Siglas	xi
Lista de Quadros.....	xii
Introdução	13
Parte I – Enquadramento Teórico	19
Capítulo 1 – Inteligência Espiritual	20
1.1 Inteligência: definição geral	21
1.2 Inteligência espiritual e outros conceitos próximos.....	21
1.2.1 Espiritualidade e religiosidade	21
1.2.2 Inteligência espiritual (IE).....	23
1.2.3 Medidas de inteligência espiritual	27
Capítulo 2 – Resiliência Emocional	29
2.1 Resiliência emocional.....	30
2.2 Resiliência, stress, coping e emoções positivas.....	32
2.3 Resiliência nas organizações	33
2.4 Medidas de avaliação de resiliência emocional	35
Parte II – Investigação Empírica	37
Capítulo 3 – Metodologia	38
3.1 Tipo de estudo	39
3.2 Amostragem.....	39
3.3 Participantes do estudo	40
3.4 Método de recolha de dados.....	40
3.5 Instrumento de recolha de dados.....	41
3.6 Método de análise de dados	42
Capítulo 4 – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados	44

4.1	Caracterização da amostra	45
4.2	Apresentação, análise e discussão dos resultados.....	47
4.2.1	Análise de consistência interna.....	48
4.2.2	Avaliação da normalidade dos dados	49
4.2.3	Estatísticas descritivas das escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional.....	49
4.2.4	Análises de correlação entre as escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional...	60
Capítulo 5	– Conclusão	62
5.1	Conclusão	63
5.2	Limitações e sugestões	64
5.3	Contributos.....	65
Referências Bibliográficas	66
Apêndices	76
Apêndice I	– Discurso Torralba, 2017	77
Apêndice II	– Permissão de utilização da SISRI-24.....	79
Apêndice III	– Permissão de utilização da escala SISRI-24 validada para o português (PT), IAIE-16.	80
Apêndice IV	– Permissão de utilização da escala CD-RISC-10	81
Anexos	82
Anexo 1	– Questionário sociodemográfico	83
Anexo 2	– Escala de IE: The spiritual intelligence self-report inventory (SISRI-24)	85
Anexo 3	– Inventário de autoavaliação de inteligência espiritual, IAIE, versão validada para o português (PT) da SISRI-24.....	88

Listas de Abreviaturase Siglas

CD-RISC-10 – Connor and Davidson Resilience Scale – 10 itens

CD-RISC-2 – Connor and Davidson Resilience Scale – 2 itens

CD-RISC-25 – Connor and Davidson Resilience Scale – 25 itens

CET – Critical Existential Thinking

CSE – Conscious State Expansion

EEC – Expansão do Estado de Consciência

ER – Emotional Resilience

ERA – Escala de Resiliência para Adultos

IAIE-16 – Inventário de Autoavaliação de Inteligência Espiritual – 16 itens

IE – Inteligência Espiritual

p. – página

pp. – páginas

PEC – Pensamento Existencial Crítico

PMP – Personal Meaning Production

PSP – Produção de Significado Pessoal

RE – Resiliência Emocional

SI – Spiritual Intelligence

SISRI-24 – Spiritual Intelligence Self-Report Inventory-24 itens

SPSS-26 – Statistical package for the social sciences version 26

SQ – Spiritual Quotient

TA – Transcendental Awareness

Lista de Quadros

Quadro 1. Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner	24
Quadro 2. Instrumentos de Medida de Inteligência Espiritual	27
Quadro 3. Fatores de Riscos Capazes de Originar Sofrimento no Ambiente de Trabalho	34
Quadro 4. Caracterização Sociodemográfica dos Participantes (n= 104).....	45
Quadro 5. Situação Profissional dos Indivíduos (n= 104)	46
Quadro 6. Religiosidade (n= 104).....	47
Quadro 7. Estatística de Confiabilidade da Escala Total e Dimensões de Inteligência Espiritual	48
Quadro 8. Estatística de Confiabilidade da Escala de Resiliência Emocional	49
Quadro 9. Estatísticas descritivas para a escala IAIE e respectivas dimensões e escala CD-RISC (n= 104) ..	50
Quadro 10. Classificação em Níveis Baixo, Médio e Elevado – IAIE-16	51
Quadro 11. Estatística Descritiva para escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função do Estado Civil (n= 104)	53
Quadro 12. Estatística Descritiva para escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função da Experiência Profissional (n= 104)	56
Quadro 13. Estatística Descritiva para escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função da Antiguidade na Função (n= 104)	58
Quadro 14. Estatística Descritiva para Escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função da Religião (n= 104).....	59
Quadro 15. Correlações Entre as Escalas de Inteligência Espiritual, e suas Dimensões, e Resiliência Emocional (N= 104)	61

Introdução

Introdução

Num ambiente de forte competitividade, downsizing, reengenharia, layoffs, o que leva um trabalhador a continuar num determinado sector, objectivo, trabalho e a enfrentar todas as dificuldades? O ambiente de trabalho tem passado por mudanças profundas nos últimos tempos e essas mudanças se dão pelos mais variados motivos (Tecchio, 2015). A espiritualidade, inteligência espiritual e resiliência emocional têm vindo a despertar um interesse crescente junto da comunidade académica, organizações e indivíduos, como pode ser visto nos estudos existente sobre a espiritualidade (Leão, 2017; Pacheco, 2012; Rotili et al., 2017); sobre a inteligência espiritual (Antunes, 2016, 2018, 2019; King, 2008; Zamani & Hajjalizadeh, 2015); sobre a resiliência emocional (Bonanno, 2013; Brandão & Nascimento, 2019; Denyer, 2017; Taranu, 2011); e sobre a relação entre a inteligência espiritual, a resiliência e o stress percebido (Khosravi & Nikmanesh, 2014), por exemplo.

Para Tecchio (2015), a espiritualidade ganhou força nas últimas duas décadas, com diversos pesquisadores desenvolvendo estudos com o objetivo de averiguar se a espiritualidade, designadamente a busca de sentido para a vida e para os atos, a capacidade de integração de todos os aspetos que se relacionam com a pessoa e o trabalho, bem como a atenção dada ao outro, afeta o desempenho dos trabalhadores nas organizações. Ainda para o autor, muitos temas dentro da espiritualidade nas organizações ainda não foram completamente explorados. A inteligência espiritual é uma dessas dimensões, uma vez que apesar de ser um tema muito próximo ao da espiritualidade, trata-se de um tema distinto (Antunes, 2016). Ainda para este autor, há aquilo que o mesmo denomina como uma lacuna investigativa, onde poucos projetos foram desenvolvidos no âmbito da inteligência espiritual em Portugal. A inteligência espiritual permite que as pessoas sejam criativas, mudem as regras, alterem situações e isso está intimamente ligado com estratégias de conduta e mesmo de negócios a que estão sendo submetidas na gestão no dia-a-dia organizacional (Zohar & Marshall, 2004).

Para Rego e Cunha (2013), o líder espiritualmente inteligente é capaz de ajudar a fazer com que toda a sua equipa se sinta parte integrante da organização. Os autores referem que as pessoas que compõem uma organização têm uma vida interior que alimenta e é alimentada pela realização de trabalho com significado num contexto de comunidade; e acrescentam que organizações com gestores espiritualmente inteligentes garantem benefícios como: o respeito pela dignidade das pessoas, a partilha de um sentido de propósito, a solidariedade, a liderança conquistada (e não imposta), a

compreensão mútua, o serviço caracterizado pela alegria, humor, entusiasmo, as relações de cooperação assentes numa lógica de «ganha-ganha».

Conforme Amram (2007), inteligência espiritual pode ser definida como a capacidade de aplicar e usar recursos espirituais para promover um melhor funcionamento diário e de bem-estar das pessoas no seu dia-a-dia. Emmons (2000) acredita que as competências espirituais poderão ser adquiridas e desenvolvidas. Para King (2008), autor da escala de inteligência espiritual adotada nesta pesquisa, *The Spiritual Intelligence Self-Report Inventory-24 (SISRI-24)*, a inteligência espiritual é o conjunto de capacidades mentais que contribuem para a consciência, integração e aplicação adaptativa dos aspetos não materiais e transcendentais da existência de um sujeito, levando a resultados como uma reflexão existencial profunda, aumento de significado, reconhecimento de um self transcendente e domínio de estados espirituais. Trata-se de uma escala multidimensional, que integra quatro dimensões denominadas pelo autor como Pensamento Existencial Crítico, Produção de Significado Pessoal, Conhecimento Transcendental e Expansão do Estado de Consciência.

Para Fry et al. (2011), as organizações que não incorporarem a espiritualidade no local de trabalho fracassarão em fazer as mudanças para o paradigma da organização aprendente necessária ao sucesso no século XXI. Os gestores bem-sucedidos no século XXI serão líderes espiritualmente inteligentes, argumenta Caccioppe (2000). Serão ainda mais bem-sucedidos do que outros gestores por desempenharem a sua função com paixão; e por isso, em momentos de decisões difíceis, possuirão força interior que os tornam mais eficientes e eficazes (Rego & Cunha, 2013).

Segundo Branco (2017), quando os fatores externos faltam ao indivíduo para enfrentar dificuldades, resta-lhe acionar os fatores internos. A espiritualidade, que a inteligência espiritual operacionaliza, no sentido da construção de valores que tornem a vida coletiva mais humana e na busca de sentido, para o autor, é também um dos componentes constituintes da resiliência emocional que permite o enfrentamento das dificuldades existentes.

A importância da resiliência emocional no ambiente de trabalho está no facto de gestores e colaboradores resilientes possuírem hábitos que auxiliam a suportar momentos de stress, além de ter um aumento na sua produtividade (Lloyd et al., 2016). Além disso, permite que as pessoas se sintam mais estimuladas e fortalecidas a serem mais empreendedoras, o que colabora com o crescimento da organização (Moraes, Resende & Leite, 2007). Para Connor e Davidson (2003), autor da escala de resiliência emocional utilizada nesta pesquisa, *The Connor and Davidson Resilience Scale (CD-RISC)*, a resiliência pode ser um meio importante para tratamento de reações de stress e ansiedade. Conforme

Bakker, Rodríguez-Muñoz e Derks (2012), a resiliência é um dos objetivos¹ importantes capazes de explicar a variância em scores de engajamento no trabalho. Para os autores, a resiliência é um recurso pessoal capaz de facilitar este engajamento, capaz de ajudar a controlar e de ter um impacto sobre o sucesso no seu ambiente de trabalho, e de conquistar sucesso na carreira, ou seja, de realizar-se profissionalmente.

A atitude de resiliência por parte de gestores e colaboradores permite que as empresas respondam com maior eficiência a períodos de recessão, e se adaptem positivamente diante de condições desafiadoras, aproveitando oportunidades e oferecendo melhoria de desempenho sustentável (Denyer, 2017). É, assim, essencial tanto para a sobrevivência da empresa, quanto para a saúde emocional, física e mental do colaborador no dia-a-dia (Bakker et al., 2012).

Neste sentido, o bem-estar proveniente de uma boa gestão das emoções dos colaboradores é uma parte importante a ser considerada em qualquer organização (Bakker & Demerouti, 2008). Para Moraes, Resende e Leite (2007), enquanto gestores resilientes procuram várias saídas para as crises diárias da economia e dos mercados, os colaboradores resilientes procuram aprimorar os seus comportamentos para que sirvam de suporte aos gestores nas tomadas de decisões, sendo que a inteligência espiritual auxilia o indivíduo a lidar com questões de sentido e de valor (Silva, 2001).

A relação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional, até onde se tenha conhecimento, tem sido estudada por investigadores de alguns países como no Irão (Dodman & Moradi, 2015; Hatami et al., 2019; Kesthegar & Jenaabadi, 2015; Partovi & Boland, 2016; Saboori & Mohammadi, 2017; Salmabadi et al., 2016; Sogolitappeh, 2018), no Paquistão (Khosravi & Nikmanesh, 2014) e na Índia (Sood & Bakhshi, 2013). Em Portugal, em especial no contexto de trabalho português, não foram encontradas, até o presente momento, investigações acerca das temáticas expostas tratadas de maneira conjunta. Assim, tendo em consideração a lacuna investigativa dos temas expostos, esta dissertação pretende dar um contributo para futuras pesquisas, suscitando novos questionamentos, debates e reflexões sobre a temática da resiliência emocional e da inteligência espiritual. Pretende-se, com isso, enriquecer o campo científico português das ciências sociais, conduzindo investigação sobre estas novas problemáticas no campo da gestão.

Assim, a questão de partida que orientou esta investigação é: Qual a relação entre a inteligência espiritual (IE) e a resiliência emocional (RE) em profissionais com cargos de gestão de empresas?

¹Os outros fatores segundo Bakker et al. (2012) são: Otimismo, Autoeficácia, Autoestima e Enfrentamento.

Consequentemente, esta dissertação tem como objetivo geral:

Analisar a relação entre a inteligência espiritual (IE) e a resiliência emocional (RE) em cargos de gestão de empresas.

Os objetivos específicos são:

- Identificar o nível geral de inteligência espiritual (IE) dos gestores, bem como os níveis em cada uma das principais dimensões;
- Identificar o nível de resiliência emocional (RE) dos gestores;
- Analisar eventuais diferenças nos níveis de inteligência espiritual e resiliência emocional motivadas por variáveis individuais e profissionais;
- Avaliar o tipo de relação entre a escala geral de IE e RE, e entre as dimensões de IE e RE.

Conforme referido, esta pesquisa visa analisar a relação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional em gestores empresariais portugueses, pelo que se optou por uma metodologia do tipo quantitativo, descritivo, comparativo e correlacional, atendendo às questões e objetivos definidos para o estudo.

Este trabalho apresenta uma estrutura que se divide em duas partes. Na Parte I é apresentada a revisão e fundamentação teórica das variáveis envolvidas no estudo: a inteligência espiritual e a resiliência emocional. Esta revisão da literatura visa fornecer os quadros teóricos e fundamentos para o estudo empírico. Na Parte II, apresenta-se a investigação empírica na qual é abordada a metodologia usada no estudo, os dados empíricos e a sua análise e discussão.

Primeiramente, é feita a Introdução que sistematiza os principais aspetos desta investigação, nomeadamente a temática e sua justificação, a questão de partida, os objetivos e contributos esperados.

No Capítulo 1 é feita a revisão da literatura da variável inteligência espiritual. São analisados os principais estudos existentes sobre o conceito de inteligência e inteligência espiritual, diferença entre espiritualidade e religiosidade e escalas elaboradas para medir a inteligência espiritual.

No Capítulo 2 analisa-se a outra variável do estudo, ou seja, a resiliência emocional. Começa-se com a definição da resiliência emocional, aborda-se a relação existente entre a resiliência emocional e o stress, o coping, as emoções positivas e a resiliência nas organizações e, por fim, são apresentadas as medidas de resiliência emocional.

O Capítulo 3 apresenta a metodologia usada no estudo, nomeadamente os procedimentos investigativos, a amostragem, o instrumento de recolha de dados e as escalas escolhidas para utilização neste estudo, bem como o método de análise de dados.

No Capítulo 4 são apresentados e analisados os dados e resultados da investigação empírica, resultantes da aplicação do inquérito por questionário a gestores empresariais portugueses. Os resultados empíricos são discutidos à luz de outros estudos existentes na literatura.

Este trabalho termina com o Capítulo 5, onde se apresenta a Conclusão, que sistematiza as diversas vertentes deste estudo. São ainda apresentadas as principais limitações do estudo e sugeridas algumas pistas para investigação futura.

O trabalho termina com a lista final de referências bibliográficas usadas na presente dissertação.

Tem também alguns Apêndices e Anexos que possibilitam a melhor compreensão do percurso seguido nesta pesquisa.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – Inteligência Espiritual

1.1 Inteligência: definição geral

Embora este capítulo seja dedicado à problemática da inteligência espiritual, começamos por definir o conceito de inteligência, para uma melhor compreensão daquela.

O conceito de inteligência tem sido amplamente estudado há muitas décadas, e existem diversas teorias e estudos que procuram elucidar o que é inteligência e como ela se caracteriza em seres humanos (Sousa & Salgado, 2015). O seu conceito e significado têm gerado grande controvérsia, continuando ainda no presente a não ser consensual entre os investigadores (Sternberg, 2005). Na língua portuguesa, o termo inteligência define-se como: "a faculdade de conhecer, compreender e aprender" (Houaiss, 2001, p. 1630). É igualmente entendida como informação de alto nível, processada e explorada². O conceito aparece ainda relacionado com a aptidão de compreender e resolver novos problemas e conflitos, bem como a capacidade de se adequar a novas situações (Houaiss, 2009).

A inteligência é estudada há muitos anos por diversos campos da ciência. Seja do ponto de vista biológico, filosófico ou cognitivo (Teixeira, Ghedin & Correia, 2009). Antunes (2016, 2019), sistematizando as diferentes perspectivas de vários autores, propõe a seguinte caracterização de inteligência: "capacidade de resolução de problemas práticos e abstratos que nos permite compreender com a experiência e efetuar uma adaptação ao meio bem-sucedida, enfrentando de modo eficaz os desafios que este apresenta" (Antunes, 2016, p. 84).

1.2 Inteligência espiritual e outros conceitos próximos

Gostaríamos de começar por abordar dois conceitos nem sempre convenientemente clarificados quando abordamos a problemática da inteligência espiritual: espiritualidade e religiosidade que, por serem constructos com algumas semelhanças, são por vezes confundidos.

1.2.1 Espiritualidade e religiosidade

Espiritualidade advém de espírito e esta palavra espírito deriva do latim "spiritus", que significa o que dá vida, sopro ou alento de vida, àquilo que dá vitalidade ao sistema (Sousa, 1992; Zohar, 1997). A espiritualidade, por conseguinte, é o ato do espírito (Zohar, 1997). Sob a visão filosófica de Foucault (2006, p.19-21),

a espiritualidade traduz o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as

² Intelligence is high-level, processed, exploitable information. http://www.institute-for-competitiveintelligence.com/download/Intelligence%20Glossary%20_US_.pdf. Consultado em 09 de setembro de 2019

modificações de existência, entre outros; que constituem não para o conhecimento, mas para o sujeito, o preço a pagar para se ter acesso à verdade.

Ainda conforme (Foucault, 2006, p. 21): “há a necessidade de que o sujeito se torne em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito ao acesso à verdade”. Mitroff e Denton (1999) acreditam que a espiritualidade pode ser definida como o desejo de encontrar um propósito final para a vida, e viver em conformidade com esse propósito. Cavanagh e Bandsuch (2002) complementam inferindo que a espiritualidade é aquilo que fornece o sentido para o indivíduo e o mundo em que ele vive. É o processo de movimentação de poderosas forças universais que jazem no íntimo do ser humano em direção ao mundo exterior. É estar engajado em algo maior do que nós, estar e trabalhar com o que nos preocupamos, sendo esse um constructo vital (Vasconcelos, 2007). Para Solomon (2003), a espiritualidade é uma noção de nós estarmos identificados com outras pessoas e com o mundo. Ela implica a busca de significado para a vida, de forma a ligar o ser humano com o seu “eu” e com os outros, oferecendo um sentido de conexão, descobrimento e propósito pessoal (Bruce, 2000). Dessa maneira, espiritualidade simboliza a busca do ser humano por significado, profundidade e valores, descrevendo como uma pessoa se transcende, orientando as suas ações em direção aos outros, a si próprio, ao seu ser, aos seus valores e práticas fundamentais (Albertini, 2012; Antunes, 2016, 2019; Tomlinson, Glenn, Paine & Sandage, 2016). King et al. (2012) afirmam que a espiritualidade envolve o sentido de uma pessoa, de um relacionamento ou a conexão com um certo poder ou força no universo que vai além do contexto atual da realidade.

No contexto do trabalho,

a espiritualidade implica em externar plenamente todo o arsenal de virtudes e qualidades intelectuais que já possuímos com vistas à construção de experiências mais enriquecedoras e realizadoras para nós e para os que nos cercam ou dependem do nosso esforço. (Vasconcelos, 2007, p. 17)

Ashmos e Duchon (2000) analisados a partir de Rotili et al. (2017) compartilham desta mesma visão, referindo a espiritualidade não como uma crença religiosa, porém como a busca de propósito e significado para a atividade do indivíduo, bem como experimentar uma conexão com o outro e com a sua comunidade.

Ainda conforme Ashmos e Duchon (2000), a espiritualidade no trabalho traduz o “reconhecimento que os empregados têm de uma vida interior que alimenta e é alimentada pelo trabalho com significado o qual ocorre em um contexto de comunidade (Ashmos & Duchon, 2000, p. 137)”.

Para Rego, Souto e Cunha (2007), a quantidade de informações que relacionam o comportamento organizacional positivo com a espiritualidade no local de trabalho é escassa. Dias (2004) complementa dizendo que a espiritualidade em toda a organização é um desafio para a gestão em relação às pessoas no presente século, para o ambiente organizacional e para a administração estratégica.

A religião, por outro lado, é um sistema de crenças, rituais e símbolos organizados na busca de aproximar ao sagrado (Moreira-Almeida, Neto & Koenig, 2006; Rotili et al., 2017). A própria raiz da palavra parece indicar para o facto da palavra religião ter surgido do latim religare, que significa religar, "unir", "atar", neste caso, o ser humano a um ser divino, sobrenatural (Araújo et al., 2008; Dicionário Etimológico, 2018; Pais-Ribeiro & Pombeiro, 2004; Sousa, 1992). Assim como a espiritualidade, também fornece um sentido de conexão, descobrimento e propósito pessoal, sendo que a religião se serve de espaços sagrados, preces e/ou orações, mantras, cerimónias de cultos, entre outras práticas (Araújo et al., 2008). Partilham dessa opinião também Bierly, Kessler e Christensen (2000), referindo a religião como um conjunto de princípios e crenças específicas baseada em textos considerados sagrados que reúnem os seus seguidores em centros específicos, como igrejas ou templos para consecução desta fé, constituindo deste modo um sistema organizado de rituais e cerimónias. Ainda conforme os autores, a espiritualidade possui uma natureza moral e emocional que envolve um entendimento e apreciação da posição da pessoa no universo, da sua alma e de tudo relativo ao conceito de Deus. Segundo Kale (2004), a pessoa que vive a sua vida na perspetiva da espiritualidade o faz independente de qualquer tipo de religião; enquanto que a religiosidade praticada por determinada pessoa é apenas uma forma de nutrir, compreender e explicar a espiritualidade na ótica da crença num Ser Superior.

Pode-se notar essa mesma visão em Gutz e Camargo (2013) e em P. Sharma, Charak e V. Sharma (2009) que definem a espiritualidade como não dependente de sistemas religiosos, por estar mais voltada para o espaço interno do sujeito – notar que estes últimos conceitos são contrariamente ao apresentado por Foucault, onde a definição de espiritualidade é igual a definição de religiosidade para Kale (2004); Gutz e Camargo (2013).

1.2.2 Inteligência espiritual (IE)

A inteligência espiritual ou coeficiente espiritual (do Inglês, Spiritual Quotient ou SQ) apareceu pela primeira vez com a conceção de inteligência existencial, nos estudos do psicólogo cognitivo e educacional Howard Gardner em meados do século XX. Gardner não tinha o intuito de criar um novo tipo de inteligência. O mesmo divulgou seu primeiro livro sobre a teoria das inteligências em 1983,

intitulado "Estruturas da Mente". A sua teoria sobre as inteligências considera que o ser humano possui múltiplas inteligências e não apenas a inteligência racional como se pensava nos séculos anteriores. A sua primeira obra contém a descrição de 7 dimensões da inteligência que estão descritas abaixo, no Quadro 1.

Quadro 1. Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner

Lógico-matemática	É a capacidade de realizar operações numéricas e de fazer deduções.
Linguística	É a habilidade de aprender idiomas e de usar a fala e a escrita para atingir objetivos.
Espacial	É a disposição para reconhecer e manipular situações que envolvam apreensões visuais.
Físico-cinestésica	É o potencial para usar o corpo com o fim de resolver problemas ou fabricar produtos.
Interpessoal	É a capacidade de entender as intenções e os desejos dos outros e conseqüentemente de se relacionar bem em sociedade.
Intrapessoal	É a inclinação para se conhecer e usar o entendimento de si mesmo para alcançar certos fins.
Musical	É a aptidão para tocar, apreciar e compor padrões musicais.

Fonte: Gardner (1983)

Entretanto, foi somente em 1995 que o mesmo incluiu a existência de mais dois tipos de inteligência: A inteligência natural³ e a inteligência existencial. O conceito de inteligência existencial trazido pela primeira vez por Gardner como a capacidade de o indivíduo refletir sobre questões fundamentais da vida (Gardner, 1995) é o primeiro a relatar sobre a Inteligência Espiritual da maneira como se conhece atualmente, tendo dado margens para que outros investigadores pudessem aprofundar este novo tipo de inteligência. O autor considera, todavia, na sua teoria que cada ser humano possui alguns desses nove tipos de inteligência mais desenvolvidos do que outros. Desta maneira, a inteligência existencial pode ser mais desenvolvida em alguns indivíduos do que em outros. Alguém que possua um alto nível de coeficiente racional, por exemplo, pode não necessariamente ter um alto coeficiente existencial e isso é perfeitamente aceitável e entendido se se considerar que cada indivíduo desenvolve talentos diferentes. Apesar de Gardner ter apresentado o conceito sobre inteligência existencial, o mesmo não considera a espiritualidade um tipo de inteligência.

Não obstante, é através dos estudos de Gardner (1995) que Robert Emmons, professor e neuropsicólogo da Universidade da Califórnia, publicou seu livro em 1999 intitulado: "A psicologia da preocupação última: motivações e espiritualidade na personalidade". O livro de Robert Emmons é o primeiro a explorar a espiritualidade como um tipo novo de inteligência e tornou-se um "divisor de

³É a capacidade para reconhecer e classificar espécies da natureza (Gardner, 1995).

águas” na literatura científica sobre a inteligência levantando muitas opiniões de investigadores a favor e contra a patente da espiritualidade como um tipo de inteligência. A polêmica e a discussão continua com a divulgação do seu artigo «Seria a espiritualidade uma inteligência? Motivação, cognição e a psicologia da preocupação última» no *The International Journal for the Psychology of Religion*, em um volume da revista que trata inteiramente sobre a espiritualidade. Emmons (1999) entende que “a inteligência possui uma faceta espiritual e entende a inteligência espiritual como a estrutura responsável por identificar e organizar as capacidades e habilidades pessoais necessárias para o uso adequado da espiritualidade”. “O indivíduo, para o autor, pode não só relacionar-se com aquilo que as religiões sentem como sendo o “divino”, mas também consigo próprio, com o mundo e tudo que o cerca”. É, enfim, a inquietação última. Silva (2001) traz o seguinte conceito sobre a teoria de Emmons (1999):

Robert Emmons (1999) utiliza a expressão inglesa «Ultimate Concern», palavra de difícil tradução. Tem ressonâncias com o que é considerado o supremo, o que está no fim e no fundo, o Último com U maiúsculo. Mas o termo poderia também ser traduzido por «o Primeiro». Algo assim como o «Alfa» e o «Omega» da Bíblia cristã. Trata-se de um envolvimento existencial denso de sentido e de valor com esse «princípio último». (Silva, 2001, p. 2)

No ano de 2000 a inteligência espiritual passou a ser estudada pela física Dana Zohar sob outra ótica e se baseia na comprovação científica do “Ponto de Deus”, uma área no cérebro humano responsável pelas experiências espirituais descoberta pelo neuropsicólogo canadiano Persinger (1993) no início dos anos 90 e, posteriormente, em 1997, pelo neurologista Vilayanu Ramachandran, da Universidade da Califórnia. Essa descoberta criou teorias acerca do terceiro tipo de inteligência⁴. Segundo os cientistas da Universidade de Yale, O “Ponto de Deus” também é responsável pela sede do conhecimento racional e pelas experiências emocionais que os seres humanos possuem (Zohar & Marshall, 2004). “O “Ponto de Deus” revela que o cérebro evoluiu para fazer questões relacionadas a existência, para explorar sentidos e valores mais amplos. Esse centro espiritual situa-se entre conexões neurais nos lobos temporais do cérebro. Scaneamentos realizados com topografia de emissão de pósitron (antipartícula do elétron) mostraram que essas áreas se iluminam toda vez que os pacientes discutem temas espirituais ou religiosos” (Zohar & Marshall, 2012, p. 26). “Essa atividade do lobo temporal tem sido ligada há anos às visões místicas de epiléticos e de usuários de alucinógenos como

⁴Considerar a primeira sobre a inteligência racional no início do século XX, mediante o estudo dos franceses Binet e Simon e do Americano Termon; a segunda, sobre a inteligência emocional desenvolvida inicialmente por Gardner como inteligência intrapessoal e interpessoal no ano de 1983, e a posteriori por Daniel Goleman em 1995.

o LSD. Não obstante, a pesquisa de Ramachandran mostrou, pela primeira vez, que o centro espiritual também está ativo nas demais pessoas” (citado em F. Silva & R. Silva, 2010, p. 1183)

Para Torralba (2017) existem 7 pontos essenciais para os quais a inteligência espiritual nos capacita: 1. Sentido da existência; 2. Tomar distância da realidade; 3. Transcender; 4. Surpreender-se; 5. Sentir-se parte de um todo; 6. Investigar a razão que temos no mundo e 7. Vivenciar o momento presente. (Ver Apêndice I para maior detalhe).

Para Ferreira (2015), o segundo conceito relevante na teoria de Torralba, «tomar distância da realidade» assemelha-se bastante ao conceito oriental de tornar-se observador ativo de seus pensamentos e de tudo à sua volta, como diz a própria autora. E o sentido é sempre um sentido interdependente e isto dá para ser observado no discurso de Torralba (2017) quando se refere a que todos pertencem a uma rede em que estão todos interligados apesar da individualidade de cada um. Este sentido trazido por Torralba (2017), por Ferreira (2015) e pelas filosofias orientais lembra muito o conceito da teoria sistêmica desenvolvida pelo biólogo Bertalanffy (2008). O sistema, tal como definido por Chiavenato (2014, pp. 474-475): “É o conjunto de elementos interdependentes e interagentes ou um grupo de unidades combinadas que formam um todo organizado”. Há, portanto, uma tendência para a integração (Motta, 1971).

Ainda para Ferreira (2015, p. 8),

existe uma conexão profunda entre os ensinamentos orientais e ocidentais no que se refere a inteligência espiritual. A proximidade sugerida entre as diferentes filosofias aqui citadas seria o entendimento de que para a filosofia budista a busca de sentido é a própria investigação da natureza de nossa mente...

e um pouco mais à frente continua

A filosofia budista possui características essencialmente psicológicas e a atitude de buscar uma razão para estarmos aqui, um propósito na vida se mistura com a ideia de afastar a ignorância que alimenta o sofrimento humano e criar caminhos de compreensão profunda e ampla de uma consciência voltada para todos. (Ferreira, 2015, p. 8)

Um estudo realizado por Tischler (2002) revela que pessoas com elevado nível de inteligência espiritual são mais saudáveis, felizes e produtivas no ambiente de trabalho. Para além disso, a inteligência espiritual difere das inteligências emocional e racional por ser “o conjunto de habilidades que um determinado indivíduo tem para aplicar, manifestar e incorporar recursos espirituais, valores e qualidades de maneiras que possam abrilhantar as funções diárias e conforto pessoal” (Amram & Dryer, 2008, p. 3).

Após análise prévia da literatura em bases de dados como o Google Acadêmico, efetuada pela pesquisadora entre os meses de abril a novembro, utilizando-se os descritores inteligência espiritual e espiritualidade/inteligência espiritual na gestão, constatou-se a existência de 131.000 e 36.300 citações, respetivamente, ao tema e trabalhos publicados, dentre teses e artigos e validações de escala.

1.2.3 Medidas de inteligência espiritual

As escalas existentes na atualidade sobre a inteligência espiritual são poucas se comparadas com as de resiliência emocional, o conceito com o qual se pretende relacionar a IE, e que será abordado no capítulo seguinte. Possuem como características serem multidimensionais e a quantidade de perguntas pode variar bastante. Algumas concentraram-se em capturar mais o aspeto espiritual propriamente dito do que a inteligência espiritual (Antunes, 2016). Por isso, é necessário ter cuidado ao avaliar os instrumentos entre aqueles que medem o conceito de espiritualidade que pode ser muito amplo como visto em tópicos anteriores, diferentemente do conceito de inteligência espiritual que é mais restrito e mede alguns aspetos da espiritualidade. De seguida são apresentados no Quadro 2 os principais instrumentos encontrados na literatura, sintetizados por Antunes (2016, 2019).

Quadro 2. Instrumentos de Medida de Inteligência Espiritual

Autores	Escalas
Wolman (2001/2002)	Psychomatrix Spirituality Inventory (PSI)
Nasel (2004)	Spiritual Intelligence Scale (SIS)
Amram (2007, 2009)	The Integrated Spiritual Intelligence Scale (ISIS)
Wigglesworth (2012)	Spiritual Intelligence Assessment Instrument (SQ21)
King (2008)	The Spiritual Intelligence Self-Report Inventor (SISRI-24)

Fonte: Antunes (2016)

A escala de King será descrita em maiores detalhes na metodologia científica, por ter sido a escala escolhida para ser aplicada nesta pesquisa. Na verdade, esta escala tem sido um dos instrumentos mais utilizados na avaliação da inteligência espiritual. Antunes (2016) justifica este facto aduzindo os seguintes argumentos: (1) apresenta um modelo conceptual que não foi apenas construído por revisão teórica, mas também validado empiricamente; (2) a definição abrangente de inteligência espiritual que lhe subjaz – conjunto de capacidades mentais: pensamento existencial crítico, produção de significado pessoal, consciência transcendental e expansão do estado de consciência, tornando-se componente do intelecto da pessoa – apresenta maior potencial de adequação a diferentes quadrantes ideológicos, permitindo a mensuração discriminada das várias

dimensões de inteligência espiritual; (3) também a estrutura, que apresenta 24 itens relativos a quatro componentes/dimensões claramente definidas, tem-se revelado por aqueles que usaram esta escala equilibrada e bastante funcional na sua aplicação.

Capítulo 2 – Resiliência Emocional

2.1 Resiliência emocional

Conforme Yunes e Szymanski (2003, p. 2), no dicionário da língua inglesa encontram-se dois entendimentos para a palavra resiliência:

o primeiro refere-se à habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito após passar por situações adversas ou de risco, problemas internos de saúde, bem-estar, família ou problemas externos de trabalho, causados pelo meio ambiente ou aqueles crônicos como a perda e a morte. A segunda definição é a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: maleabilidade. Sendo este último termo endereçado ao conceito original de resiliência atribuída à física, que busca entender e estudar até que ponto um material sofre impacto e não se deforma.

Nestas definições encontramos que o termo se aplica tanto a materiais quanto aos indivíduos. Para Garmezy (1984), resiliência vem do conceito de resiliência física, onde um objeto resiliente é um objeto forte diante de condições adversas (Munhoz, 2014).

Segundo Filho, 2014, a resiliência vem sendo investigada na psicologia há aproximadamente 30 anos (Poletto & Koller, 2008; Rooke & Pereira-Silva, 2012; Rutter, 1985). Ainda para aquele autor,

existe um consenso na literatura sobre o conceito de resiliência estar associado a duas condições básicas: uma situação adversa enfrentada e uma resposta positiva diante do sofrimento, ainda que o sofrimento influencie negativamente o estado de saúde e o desenvolvimento do indivíduo. (Filho, 2014, p. 76)

Para Sabbag (2012, p. 26), "é a competência dos indivíduos ou organizações que fortalece, permite enfrentar e até aprender com as adversidades e desafios". Conforme Brandão e Nascimento (2019), é importante que se evite essa ideia da existência de riscos ou eventos adversos universais que atingiriam de maneira semelhante a todos. Assim, o que é adverso para um pode ser fator de proteção para outro. Por exemplo: uma pessoa pode ter vivido na pobreza durante toda a sua infância e ter passado fome e na vida adulta pode ter pânico de ficar sem comida em casa, enquanto outra passando pelos mesmos eventos pode não ter desenvolvido esse pânico. Diante disso, Brandão e Nascimento (2019) consideram um avanço que grande parte das pesquisas atuais nomeiem as adversidades como stressores ou eventos stressantes. Assim, as autoras concluem que o que é adverso para determinado sujeito pode ser neutro para outro que não se sinta atingido pelo objeto em questão; no segundo caso pode-se concluir que não houve um processo de resiliência, visto que o evento sendo considerado neutro não alterou o equilíbrio do indivíduo ou não exigiu do mesmo esforços de enfrentamento.

Apesar da consideração das autoras sobre a adversidade como algo que pode variar de um indivíduo para o outro, deve-se levar em consideração que existe uma parcela de eventos consideráveis que podem ser considerados universalmente traumáticos, de risco ou adversos, mesmo que haja exceções à regra. Deve ser levado em consideração o impacto de uma guerra na vida daqueles que a vivenciaram, o impacto de um abuso físico, psicológico ou emocional, de uma perda de um ente querido, entre outros (Brandão & Nascimento, 2019).

Masten e Garmezy (1990) distinguem o fenômeno da resiliência em 3 grupos: (1) aqueles que mostram melhores resultados do que o esperado quando em situações de risco; (2) aqueles que apresentam a manutenção de uma positiva adaptação apesar da ocorrência de eventos stressantes; (3) e por fim, aqueles que são bons em se recuperarem de traumas.

A psicologia e a psiquiatria têm desenvolvido alguns estudos iniciais sobre resiliência em crianças com algum tipo de patologia e esquizofrenia (Garmezy 1974, 1984, 1985) ou mesmo com fatores de risco (Luthar, 2006). Na área de gestão existem estudos recentes desenvolvidos sobre a resiliência emocional no ambiente de trabalho (Branco, 2017; Denyer, 2017; Lloyd et al., 2016; Loiola, 2015; Park et al., 2013).

Para Connor e Davidson (2003), a resiliência pode ser vista como uma medida da capacidade para lidar com o stress e, como tal, pode ser um alvo importante no tratamento da ansiedade, depressão e reações ao stress.

Antunes (2016) define a resiliência como sendo a capacidade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas se levantar e seguir em frente com sucesso na vida apesar de sofrer experiências traumáticas, dificuldades ou doenças graves. Esta forma de definir resiliência assemelha-se à de outros autores (Luthar 2006; Poletto & Koller, 2008; Rooke & Pereira-Silva, 2012; Rutter, 1985) quando se referem à faculdade de uma pessoa de passar por uma situação adversa conseguindo superá-la e sair daí fortalecida.

Trindade (2011) vai mais além no que se refere ao conceito de resiliência e diz ser esta a capacidade que um indivíduo tem de administrar de maneira tática/estratégica as suas emoções a fim de enfrentar obstáculos e dificuldades. Segundo a autora, a resiliência é um componente importante inerente à inteligência emocional⁵.

Podemos considerar que

a inteligência emocional está intimamente ligada às bases neurológicas e, conseqüentemente relacionada com a dimensão cognitiva do sujeito. Assim, quanto mais elevado for o nível de inteligência emocional no indivíduo, mais

⁵A inteligência emocional, conforme (Goleman, 1995), é a forma como as pessoas reconhecem e avaliam seus próprios sentimentos e o dos outros, além disso, é a forma como as pessoas lidam com esses sentimentos próprios e dos outros, nas mais diversas situações.

facilidade o mesmo terá na elaboração das suas tomadas de decisão e, portanto, mais facilmente possuirá comportamentos resilientes. (Trindade, 2011, p. 62)

2.2 Resiliência, stress, coping e emoções positivas

Segundo Branco (2017), não é possível estudar o conceito de resiliência sem estudar o conceito de stress. Nesta linha, Margis et al. (2003, p. 65) definem o stress como:

o estado gerado pela percepção de estímulos que provocam excitação emocional e, ao perturbarem a homeostasia, disparam um processo de adaptação caracterizado, entre outras alterações, pelo aumento de secreção de adrenalina produzindo diversas manifestações sistémicas, com distúrbios fisiológico e psicológico.

Para Taboada, Legal e Machado (2006), o stress de um modo geral não encerra em si atributos de valor (positivo ou negativo), a menos que algo específico tenha gerado uma situação distinta. Um certo nível de stress pode ser saudável, se estimula e prepara a pessoa para as respostas do dia-a-dia, desde que não seja por muito tempo, ao que pode gerar um efeito reverso de esgotamento e desgaste (Branco, 2017). Ainda nesta linha, Branco (2017) crê que a relação estabelecida entre o indivíduo e o evento é o que irá determinar se o stress é saudável ou não. Entretanto, para o autor, no que se refere a resiliência emocional, o stress é normalmente visto numa perspectiva negativa e patológica.

Já relativo ao coping, para Busnello, Schaefer e Kristensen (2009), as estratégias de coping são uma das variáveis que contribuem para uma maior resiliência, que correspondem a esforços empreendidos pelo indivíduo na tentativa de lidar com situações percebidas como stressoras. Estas ideias estão na linha de pensamento de Machado (2010). Assim, as estratégias de coping funcionam como um pré-requisito primordial para uma adaptação com sucesso, enquanto variáveis mediadoras dos efeitos do stress (Lima, Lemos & Guerra, 2002). É considerado ainda, como um conjunto de esforços despendidos pelo indivíduo para fazer face a situações stressantes, crónicas ou agudas (Moreira, 2012). O coping engloba todo o conjunto de estratégias utilizadas pelo mesmo no sentido de se adaptar a circunstâncias adversas (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998).

Relativamente às emoções positivas, os benefícios das emoções positivas de uma maneira geral receberam muita atenção nos últimos anos (Bonnano & Diminish, 2013). Segundo Antunes (2016), as emoções positivas são um importante campo da psicologia positiva sendo parte essencial de um elemento significativo para o bom funcionamento dos níveis psicológico e social do bem-estar.

Para Fredrickson (2013), as emoções positivas protegem-nos do stress negativo e elevam as nossas capacidades de pensar e agir diante das situações difíceis com as quais somos confrontados. Ainda segundo esta investigadora de renome mundial, as emoções positivas têm relação com a resiliência por aumentar a capacidade humana de resistência e resiliência frente aos acontecimentos diários.

2.3 Resiliência nas organizações

Tavares (2002) considera que as organizações mais democráticas, eficazes e persistentes são aquelas cujos gestores e colaboradores têm níveis elevados de resiliência emocional, sendo assim mais bem capacitados a responder aos novos desafios da atualidade.

A resiliência emocional é a senha para uma vida agradável e para o sucesso no trabalho (Reivich & Shatté, 2002). Para os autores, todas as pessoas são capazes de ter um nível de resiliência elevada, desde que modifiquem a maneira como pensam sobre as dificuldades da vida e desenvolvam comportamentos e atitudes de resiliência.

Luthans e Youssef (2007) veem a resiliência dentro das organizações como sendo uma atitude proativa no sentido que as adversidades sejam vistas como oportunidades de aprendizagem, crescimento e desenvolvimento.

Para Hamel e Välikangas (citado em Branco, 2017, p. 36), as organizações de hoje procuram profissionais de alta performance “que prosperem no caos, que apreendam pró-ativamente, que cresçam através das adversidades e que progridam quaisquer que sejam as contrariedades”. Neste contexto, para Branco (2017), as adversidades podem contribuir para dar sentido à vida e levar a designar objetivos e prioridades de grande relevância no contexto organizacional.

Para Teixeira e Santana (2015), líderes e gerentes resilientes são também pessoas automotivadas na medida que desenvolvem habilidades de controlo das emoções e uma boa relação com todos os membros da organização, desde a presidência até a linha de frente, pois incorporam a indispensabilidade de ser um modelo e inspirar confiança nos demais. A resiliência destes líderes e gestores gera nos seus subordinados um alto desempenho nas atividades quotidianas, com elevados índices de satisfação no trabalho e comprometimento organizacional (Tedeschi, Park & Calhoun, 1998).

Há que considerar ainda os fatores de risco – ameaça a adaptação positiva (Barlach, 2005) – e proteção – aquilo que opera como “amortecedores” entre o indivíduo e os fatores de risco relativos ao bem-estar e desenvolvimento da pessoa (Barlach, 2005). Job (2003) define os fatores de risco

como tensões provenientes de profusos acontecimentos stressantes ou de tensões reunidas mediante uma variedade de outras causas. Os fatores de riscos capazes de originar sofrimento no ambiente de trabalho mais enfatizados pelo autor podem ser vistos no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3. Fatores de Riscos Capazes de Originar Sofrimento no Ambiente de Trabalho

1. Pressão sentida pelos indivíduos nas suas atividades
2. Sobrecarga de responsabilidade que possuem
3. Negação da realidade
4. Não aceitação dos próprios lapsos
5. Ausência de tempo para estar com a família
6. Ausência de apoio por parte dos colegas de trabalho e por parte dos gestores
7. Ausência de reconhecimento pelo trabalho desempenhado
8. Frustração pela imprevisibilidade do tempo futuro
9. Pouca liberdade de criação
10. Falta de autonomia no desempenho das atividades
11. Medo de perder o emprego
12. Assédio moral
13. Obrigação de ter de efetuar cortes no quadro de trabalhadores.

Fonte: Job (2003)

Já no tocante aos fatores de proteção, o autor define como redutores das influências negativas de se aceitar o risco e buscar formas adaptativas e criativas de enfrentar uma dificuldade. O mesmo cita como fatores de proteção a um colaborador dentro do contexto de trabalho adverso: a autonomia, a autoestima, o respeito, o reconhecimento, a participação da família e dos amigos e o apoio dos pares e das chefias. Para Coutu (2002), as pessoas que possuem capacidade de resiliência dentro das organizações têm ainda como fatores de proteção:

- a) a capacidade de aceitar e enfrentar a realidade como ela se apresenta. Ou seja, o gestor e o colaborador resilientes são aqueles que veem as coisas de maneira realística. Nem de modo pessimista, nem de modo demasiado otimista. Eles preparam-se para a situação sem nutrirem expectativas irreais com consequências nefastas, aguardando o momento em que elas ocorrerem, sabendo que medidas adequadas tomar. Concordam com este ponto de vista Teixeira e Santana (2015) complementando que o gestor resiliente, por ser acima de tudo realista, inspira a confiança de todos os seus liderados. O gestor resiliente é encorajador quando precisa ser; sabe que a vitória depende da diferença que cada colaborador tem e pode pôr ao serviço da organização e ao serviço de si próprio; e é sincero, ao controlar o empolgamento quando as coisas não estão saindo como gostaria.
- b) um propósito para a vida. A vida tem um significado. Profissionais resilientes conseguem buscar constantemente por esse propósito de vida. Realizam reflexões sobre o seu sofrimento a fim de criar

um significado para si e para os que estão a sua volta. O fato de criar um significado para àquilo que estão a enfrentar naquele momento o aptam de forças para suportar os acontecimentos imprevisíveis da vida.

c) uma capacidade natural para o imprevisto. Profissionais resilientes são capazes de se redescobrir, reinventar, de usar as suas habilidades e potencialidades para criar. A habilidade para improvisar dota-o de capacidade para transpor períodos de maiores dificuldades.

2.4 Medidas de avaliação de resiliência emocional

As medidas existentes para aferir a resiliência emocional (RE) requerem que se leve em consideração diferentes aspetos. Enquanto uns defendem a existência de escalas relevantes para o tipo de estudos em causa, outros, como Hoge, Austin e Pollack (2007), acreditam que apesar do grande número de escalas existentes para aferir a resiliência emocional (RE), existe pouco consenso em relação a qual delas melhor capta e quantifica aquilo que se compreende por resiliência. Para Reppold (2012), as escalas existentes de RE omitem alguns aspectos relevantes para caracterizar adequadamente a resiliência emocional. Por esta razão, em alguns dos estudos há a utilização de escalas para avaliar outros critérios que podem fazer parte de forma direta ou indireta da resiliência. Um exemplo pode ser visto na utilização das escalas de Perceção de Stresse, de Bem-Estar Subjetivo, de Qualidade de Vida e tantas outras a depender do tipo de público e finalidade pretendida. Para Infurna e Luthar (2016, 2017), os inquiridos deviam ser avaliados por mais do que um critério (escala) como ter enfrentado dificuldades ou por satisfação de vida, de modo a evitar resultados superestimados ou distorcidos. Os autores acreditam que para se averiguar melhor a resiliência deveria haver mais de um critério, como analisar o stresse, o bem-estar, ver o momento de vida que a pessoa está passando, a fim de evitar que haja um enviesamento da análise. Para eles, existem outros aspetos a serem considerados e qualquer escala sozinha de resiliência irá medir apenas uma parte da resiliência, porém não a resiliência como um todo. Connor e Davidson (2003) são do mesmo parecer. No primeiro artigo publicado sobre a CD-RISC argumentam que a escala consegue captar alguns aspetos da resiliência emocional, mas não todos.

Para Infurna e Jayawickreme (2019), avaliar a resiliência, por exemplo, com uma escala unidimensional poderá conduzir a resultados que não contemplem diversos aspetos constituintes da resiliência. Para estes autores a resiliência é um constructo multidimensional e como tal será mais bem avaliado com uma escala que inclua o maior número de itens que contemplem os diversos aspetos da resiliência. Assim, baseados em pesquisas recentes de Infurna e Luthar (2017) sobre a

trajetória da perda conjugal, estes referem existir divergências nos resultados em 5 dimensões diferentes e que por isso a resiliência não pode ser considerada um constructo unidimensional. São estas dimensões: satisfação com a vida; afeto negativo; afeto positivo; saúde geral e funcionamento físico. Somente após estas cinco dimensões serem contabilizadas puderam encontrar uma resposta positiva ou negativa para a resiliência.

Os instrumentos de avaliação da resiliência emocional (RE) existem para os mais diversos fins. São normalmente utilizados em pesquisas científicas na área da psicologia (Bonnano & Diminich, 2013; Moreira, 2012) e psiquiatria (Campbell-Sills, Forde & Stein, 2009; Connor & Davidson, 2003). As escalas usadas para medir o constructo de resiliência variam no número de itens, havendo escalas com 33 itens (Escala de Resiliência para Adultos – ERA), 25 itens (CD-RISC-25) ou até mesmo 2 itens (CD-RISC-2). Tem-se procurado buscar uma escala que corresponda inteiramente aos interesses das pessoas que respondem e normalmente possuem pouco tempo para responder a estes estudos e aos interesses dos investigadores tendo em vista recolher o máximo de informações fiáveis.

Parte II – Investigação Empírica

Capítulo 3 – Metodología

3.1 Tipo de estudo

A pesquisa em questão é de cariz quantitativo e correlacional transversal. Para Collis e Hussey (2005), uma das finalidades da investigação quantitativa poderá ser estabelecer correlações entre variáveis, mensurando fenómenos. Esta envolve a coleta, análise de dados e aplicação de testes. A pesquisa quantitativa lida com fatos; o evento é bem delimitado e mensurável (Martins & Bicudo, 2003). O estudo correlacional visa avaliar a relação entre duas ou mais variáveis e saber como uma variável se comporta conhecendo o comportamento de outra variável. A sua importância está em compreender eventos complexos e construir uma teoria acerca de um fenómeno comportamental (Martella, Nelson & Marchand-Martella, 1999). No estudo correlacional, quando duas variáveis se encontram relacionadas, diz-se que há correlação (Arnal, Rincón & Latorre, 1992). Para Fortin, Côté e Fillion (2009), a correlação que é medida pode ser positiva, negativa ou neutra, variando de +1,00 (correlação positiva perfeita) a -1,00 (correlação negativa perfeita). Neste estudo, as variáveis apresentadas são inteligência espiritual e resiliência emocional. O coeficiente utilizado nesta pesquisa é o coeficiente de *Spearman*. No estudo transversal, a frequência de aparição de um acontecimento ou problema é medido num dado momento; ao contrário do estudo longitudinal onde se recolhe dados de forma periódica junto aos mesmos grupos (Fortin et al., 2009).

3.2 Amostragem

Pode-se no âmbito da investigação científica optar tanto pelo universo total da pesquisa ou por uma parte (amostra) que pode ser ou não representativa dos indivíduos do universo a que se refere o estudo. Nem sempre há possibilidade de pesquisar todos os indivíduos do grupo ou da comunidade que se deseja estudar, devido à escassez de recursos ou à falta de tempo. Nesse caso, utiliza-se o método da amostragem que consiste em obter um juízo sobre o total (universo) mediante a compilação e exame de apenas uma parte, a amostra, com base em procedimentos científicos (Marconi & Lakatos, 2009). Assim, tem-se que a amostra é uma parcela do universo (população), ou seja, é um subconjunto do universo estudado (Marconi & Lakatos, 2009).

Para Kauark (2010), a amostra pode ser de dois tipos: probabilística e não-probabilística. Vamos nos deter na amostra não-probabilística, que foi a escolhida para esta pesquisa. Segundo o autor, na amostra não-probabilística a probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos restantes elementos. As amostras não-probabilísticas podem ser: i. acidentais (com pessoas que vão aparecendo, compostas por acaso); ii. por quota (onde existem diversos elementos constantes da população/universo, elementos na mesma proporção) ou iii. racional (quando o

investigador escolhe casos para a amostra que para ele signifique o “bom julgamento” da população/universo). Há ainda a amostra não probabilística por redes «snow ball» que, segundo Fortin et. al (2009), é um tipo de amostra intencional, em que o investigador pede a cada indivíduo que envie os questionários para outros indivíduos, sendo utilizada para a inclusão na amostra de uma população pouco acessível ao pesquisador. Nesta pesquisa, a amostra adoptada é não-probabilística do tipo snow ball, pela facilidade de propagação do questionário, diante da dificuldade encontrada para aceder o público alvo e ainda mais em aceder uma amostra considerável de indivíduos para o estudo. Assim, o questionário foi aplicado on-line mediante link do google forms para contactos da autora gestores e de contactos não-gestores que pudessem ter conhecimentos de gestores. Também foi solicitado aos contactos diretos para que seus contactos divulgassem o link do questionário a outros gestores caso possuíssem conhecimento, e que este questionário fosse respondido apenas uma única vez, a fim de cumprir os pré-requisitos desta pesquisa.

3.3 Participantes do estudo

Os participantes deste estudo foram gestores portugueses de diferentes ramos e sectores (indústria, serviços/comércio, dos sectores privado e público). A decisão de optar por essa população é devida à importância da gestão na organização e à influência dos gestores sobre os trabalhadores e sobre o impacto causado nas suas equipas, organizações, e nos respetivos sectores de atividade de uma maneira geral.

3.4 Método de recolha de dados

Como método de recolha de dados foi criado um questionário composto por escalas da literatura da especialidade para medir os constructos de inteligência espiritual e resiliência emocional.

Para Marconi e Lakatos (2009), o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas/questões, respondidas sem a presença do investigador. Optou-se por este método pela possibilidade de conhecer melhor os respondentes, em um curto intervalo de tempo e abrangendo uma área geográfica mais variada e mais ampla. Para Fortin et al. (2009), as escalas são definidas como medidas de autoavaliação, constituídas por vários enunciados ou itens, lógica e empiricamente ligados entre si e que são destinados a medir um conceito ou uma característica do indivíduo. No caso do nosso estudo, as escalas de inteligência espiritual e de resiliência emocional são os instrumentos mais utilizados e fiáveis para medir as duas variáveis e já foram utilizadas em muitos outros estudos ao redor do mundo.

3.5 Instrumento de recolha de dados

O questionário elaborado no âmbito desta dissertação (que pode ser consultado no Anexo 1) inclui um conjunto de questões que visam recolher dados sociodemográficos (género, idade, quantidade de filhos, nível da gestão, habilitações académicas, anos de experiência profissional, tempo de antiguidade na organização, tempo de antiguidade na função e religiosidade).

Para medir a inteligência espiritual foi usado o Inventário de Autoavaliação de Inteligência Espiritual com 16 itens, IAIE-16, versão da escala SISRI-24 de King (2008) validada para o português através das pesquisas de Antunes (2016). A SISRI-24 é uma das escalas mais utilizadas pelos investigadores ao redor do mundo, nos mais diversos campos do conhecimento, com questões de mais fácil entendimento e revelou-se equilibrada no que se refere à quantidade de dimensões e itens (Antunes, 2016).

A escala original SISRI-24 (King, 2008) tem 24 itens distribuídos em 4 dimensões. Antunes (2016) não encontrou correspondência no seu estudo em relação ao componente do fator «consciência transcendental»⁶ no estudo final da versão portuguesa Inventário de Autoavaliação de Inteligência Espiritual (IAIE), aduzindo como eventual justificação, as diferenças culturais entre Portugal e Canadá e releva sobretudo as diferenças substanciais na amostra portuguesa e canadianas. Na verdade, esta última foi feita apenas em estudantes universitários ao passo que a amostra portuguesa incidiu sobre a população portuguesa em geral.

Assim, a versão em português de Portugal da escala SISRI-24, a escala IAIE-16, está sendo adotada nesta pesquisa por preservar em grande parte a escala original SISRI-24, por ter sido testada e validada empiricamente por Antunes (2016) para a população portuguesa em geral, como dito anteriormente, gerando assim um melhor entendimento para esta população, quando do preenchimento do questionário, obtendo-se assim resultados mais fiáveis.

A escala de inteligência espiritual adotada é do tipo Likert e as respostas variam entre 0 e 4, em que 0 exprime não tem nada a ver comigo e 4 tem tudo a ver comigo em relação a cada item. As escalas de Likert são também denominadas de escalas aditivas e consistem numa série de enunciados que exprimem um ponto de vista sobre um tema (Fortin et al., 2009). A IAIE-16 varia entre 0-64 pontos. O critério adotado para determinar o nível de inteligência espiritual⁷ foi o de calcular a distribuição dos valores dos percentis 33 e 66 (Antunes, 2016). Assim, considera-se a seguinte

⁶ Os quatro fatores segundo King (2008) da escala SISRI-24 são: Critical Existential Thinking (CET); Personal Meaning Production (PMP); Transcendental Awareness (TA); Conscious State Expansion (CSE). Em português: Pensamento Existencial Crítico (PEC); Produção de Significado Pessoal (PSP); Conhecimento Transcendente (CT) e Expansão do Estado de Consciência (EEC). Para mais informações consultar o Anexo 2.

⁷ O nível de inteligência espiritual para King (2008) também possui variações entre baixo, médio e elevado nível de IE, como pode ser visto a seguir: pontuações variando entre «0 e 39» são consideradas baixo nível de IE; pontuações entre «40 e 64» revelam um nível médio de IE; pontuações entre «65 e 96» são reveladoras de um elevado nível de IE.

pontuação para a interpretação da escala: «0-32» pontos no IAIE significa «nível baixo de inteligência espiritual»; «33-45» pontos significa «nível médio de inteligência espiritual»; e «46-64» significa «nível elevado de inteligência espiritual». As escalas SISRI-24 e IAIE-16 podem ser vistas no Anexo 2 e no Anexo 3, respetivamente, desta pesquisa.

No caso da resiliência emocional recorreu-se à escala unidimensional CD-RISC, versão de 10 itens, sintetizada por Campbell-Sills e Stein em 2007 a partir da versão de 25 itens⁸ dos autores Connor e Davidson (2003). A CD-RISC é uma escala do tipo Likert de 5 pontos, onde as respostas variam entre 0 e 4, em que 0 exprime discordo totalmente e 4 concordo totalmente em relação a cada item. As pontuações mais altas refletem maior nível de resiliência emocional (Almeida et al., 2020; Connor & Davidson, 2003; Lopes & Martins, 2011). A escolha da escala CD-RISC-10, assim como a de inteligência espiritual dá-se tanto pela facilidade e simplicidade deste instrumento, pois as perguntas são simples, objetivas, práticas, de fácil compreensão por parte dos respondentes como também pela praticidade na sua utilização e aplicação. Ou seja, por não serem longas, o que poderia levar as pessoas a desistirem no meio do teste e diminuir, assim, a quantidade de respostas esperadas. Deve-se ainda dar atenção a sua popularidade, patente em outros estudos da mesma área, nomeadamente artigos que relacionam estudos de inteligência espiritual e resiliência emocional e também pelo seu grau de confiabilidade (com valores elevados de consistência interna). A escala CD-RISC-10 também foi validada através da análise fatorial exploratória e confirmatória mediante os estudos de Campbell-Sills e Stein em 2007, efeito de um trabalho empírico e não só de natureza teórica. Por razões de direitos autorais, preferimos omitir a escala.

3.6 Método de análise de dados

Para avaliar a relação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional foram calculados os coeficientes de correlação. Procedeu-se primeiramente a análise de consistência interna das escalas, e dimensões (quando aplicada) mediante o cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. Posteriormente, realizou-se o teste de normalidade para avaliar se as variáveis seguiam distribuição normal ou não. Como o teste de Kolmogorov-Smirnov revelou $p < 0,05$ para as duas escalas, a distribuição das mesmas foi considerada como não normal. Por esta razão, a correlação de *Spearman* foi calculada para quantificar a associação entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional, e assim responder ao objetivo geral do presente estudo.

⁸ A CD-RISC-25 possui 5 fatores, que traduzidos para o português por Lopes e Martins (2011), podem ser vistos a seguir: 1. Competência Pessoal; 2. Confiança nos próprios instintos e tolerância à adversidade; 3. Aceitação positiva de mudanças; 4. Controle e 5. Espiritualidade.

Procedeu-se à análise descritiva dos dados a fim de responder aos objetivos específicos desta pesquisa sobre as pontuações globais dos participantes no que se refere as escalas deste estudo. A estatística descritiva também foi utilizada para caracterizar as pontuações da escala IAIE-16 e CD-RISC-10 na amostra total por cada categoria do sociodemográfico. Assim, atendendo aos objetivos específicos desta pesquisa, aplicou-se os testes U de Wilcoxon-Man-Whitney e o H de Kruskal-Wallis para verificar a performance de cada grupo no que se refere ao sociodemográfico. O teste U de Man-Whitney, como é mais conhecido, foi escolhido por ser um teste não-paramétrico que avalia a diferença de variáveis que possuem duas categorias. O teste H de Kruskal-Wallis (também se trata de um teste não-paramétrico) foi escolhido por avaliar diferenças de variáveis quantitativas que possuam mais de duas categorias, para os casos em que o teste U de Man-Whitney não pôde ser aplicado. O programa utilizado para realização de todas as análises de dados, descritas anteriormente, foi o SPSS versão 26.

Capítulo 4 – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Caracterização da amostra

Participaram do estudo 104 gestores, dos quais 53,80% são do sexo feminino e 46,20% do sexo masculino. Referente a idade, verifica-se que a maior parte dos respondentes tem entre 36 e 45 anos de idade (40,40%). Os indivíduos com menos de 25 anos representam 3,80% da amostra, 15,40% possuem entre 26 e 35 anos, 29,80% entre 46 e 55 anos e 8,70% entre 56 e 65 anos e 1,90% têm 66 anos ou mais. Concernente ao estado civil, a maioria encontra-se casada (39,40%) ou solteira (30,80%). 41,30% dos participantes revelou não possuir filhos, enquanto os restantes 58,70% possuem 1 ou mais filhos. O grau académico dos entrevistados é maioritariamente a licenciatura (39,40%), seguido pelo mestrado e especialização (com 24,00% cada) e apenas 1 participante (1,00%) referiu ser doutorado ou pós-doutorado. A informação aparece resumida no Quadro 4.

Quadro 4. Caracterização Sociodemográfica dos Participantes (n= 104)

Variável	n (%)
Género	
Feminino	56 (53,80%)
Masculino	48 (46,20%)
Idade (anos)	
Menos de 25	4 (3,80%)
De 26 a 35	16 (15,40%)
De 36 a 45	42 (40,40%)
De 46 a 55	31 (29,80%)
De 56 a 65	9 (8,70%)
66 ou mais anos	2 (1,90%)
Estado Civil	
Solteiro(a)	32 (30,80%)
Casado(a)	41 (39,40%)
União de Facto	13 (12,50%)
Divorciado(a)	15 (14,40%)
Viúvo(a)	3 (2,90%)
Número de Filhos	
Nenhum	43 (41,30%)
Um ou mais filhos	61 (58,70%)
Habilitações Académicas	
Até o 9º Ano	2 (1,90%)
12º Ano	10 (9,60%)
Especialização ou Grau Técnico	25 (24,00%)
Licenciatura	41 (39,40%)
Mestrado	25 (24,00%)
Doutoramento ou Pós-Doutoramento	1 (1,00%)

No que concerne aos dados profissionais, apenas 20,20% dos gestores pertencem a gestão de topo, ou seja, a cargos estratégicos dentro da organização. 34,60% dos gestores situam-se na

gestão intermediária da empresa e uma grande parte, num total de, 47 gestores (45,20%), encontram-se na gestão de linha da organização.

No que se refere ao tempo de experiência profissional, grande parte dos gestores possui 21 anos ou mais tempo de experiência dentro da profissão em que atuam, o que corresponde a 30,80% dos respondentes. 23,10% de gestores possuem entre 11 e 15 anos de experiência na profissão, 17,30% entre 6 e 10 anos e 17,30% entre 16 e 20. Apenas 11,50% declararam possuir tempo de experiência inferior a 5 anos.

Relativamente à antiguidade na organização, 43,30% dos gestores têm um tempo de serviço inferior a 5 anos dentro da organização para a qual trabalham, seguido por 21,20% que têm entre 6 e 10 anos, 18,30% têm 21 anos ou mais, 11,50% entre 11 e 15 anos e apenas 5,80% dos gestores referem ter entre 16 e 20 anos de antiguidade dentro da organização.

Por fim, no tocante a antiguidade na função que exercem atualmente, 39,40% dos gestores declararam possuir antiguidade na função inferior a 5 anos, seguido de 21,20% indivíduos com antiguidade na função entre 6 e 10 anos, 15,40% dos indivíduos entre 11 e 15 anos, 10,60% entre 16 e 20 anos e 13,50% com 21 ou mais anos de antiguidade na função. Os resultados podem ser vistos no quadro seguinte.

Quadro 5. Situação Profissional dos Indivíduos (n= 104)

Variável	n (%)
Nível da Gestão	
Gestão de Topo	21 (20,20%)
Gestão de Intermédio	36 (34,60%)
Gestão de Linha	47 (45,20%)
Tempo de Experiência Profissional	
Inferior a 5 anos	12 (11,50%)
Entre 6 e 10 anos	18 (17,30%)
Entre 11 e 15 anos	24 (23,10%)
Entre 16 e 20 anos	18 (17,30%)
21 anos ou mais	32 (30,80%)
Antiguidade na Organização	
Inferior a 5 anos	45 (43,30%)
Entre 6 e 10 anos	22 (21,20%)
Entre 11 e 15 anos	12 (11,50%)
Entre 16 e 20 anos	6 (5,80%)
21 anos ou mais	19 (18,30%)
Antiguidade na Função	
Inferior a 5 anos	41 (39,40%)
Entre 6 e 10 anos	22 (21,20%)
Entre 11 e 15 anos	16 (15,40%)
Entre 16 e 20 anos	11 (10,60%)
21 anos ou mais	14 (13,50%)

Quando inquiridos acerca da religiosidade (Quadro 6), 59 gestores (56,70%) declaram possuir algum tipo de religião e são praticantes, 20 indivíduos (19,20%) dos gestores declaram possuir religião, mas não praticá-la, 6 (5,80%) revelam não possuir religião e 19 (18,30%) indivíduos afirmam possuir outras crenças de vida.

Quadro 6. Religiosidade (n= 104).

Variável	n (%)
Religiosidade	
Possui religião / pratica	59 (56,70%)
Possui religião / não pratica	20 (19,20%)
Não possui religião	6 (5,80%)
Possui outras crenças de vida	19 (18,30%)

4.2 Apresentação, análise e discussão dos resultados

Os dados recolhidos junto dos gestores portugueses foram alvo de um conjunto de procedimentos estatísticos para atingir os objetivos (geral e específicos) definidos. Relembrando, o objetivo geral consiste em perceber qual a relação entre a IE e a RE. Os objetivos específicos são:

- Identificar o nível geral de inteligência espiritual (IE) dos gestores, bem como os níveis em cada uma das principais dimensões;
- Identificar o nível de resiliência emocional (RE) dos gestores;
- Analisar eventuais diferenças nos níveis de IE e RE motivadas por variáveis individuais e profissionais;
- Avaliar o tipo de relação entre a escala geral de IE e RE, e entre as dimensões de IE e RE.

Depois de computados os valores médios das escalas globais e das dimensões no caso da escala de IE, procedeu-se à análise dos níveis de confiabilidade mediante o Alfa de Cronbach. Depois procedeu-se à avaliação da normalidade dos dados. Na etapa seguinte, estes foram tratados por meio de estatística descritiva. Na última etapa, foi utilizado o teste de *Spearman* para avaliar a existência de correlações entre as medidas globais de IE e RE e as dimensões de IE e RE.

4.2.1 Análise de consistência interna

Avaliou-se a fidelidade do instrumento, pela análise de consistência interna às escalas e dimensões, através do método alfa de Cronbach e buscou-se comparar os resultados com os encontrados nos estudos realizados pelos autores que desenvolveram ou usaram aquelas medidas.

Referente a escala de inteligência espiritual, a análise de confiabilidade da escala global demonstrou Alfa de Cronbach igual a 0,94. Concernente a dimensão Pensamento Existencial Crítico (PEC) obteve-se um resultado de alfa= 0,87. No estudo de Antunes (2016, 2018), a mesma dimensão obteve um Alfa de Cronbach igual a 0,84. Relativamente a dimensão Produção de Significado Pessoal (PSP), obteve-se um alfa= 0,88, enquanto que no estudo de Antunes (2016, 2018) o valor foi ligeiramente inferior (alfa= 0,84). Na dimensão Expansão do Estado de Consciência (EEC) da escala de IE, obteve-se alfa= 0,89, enquanto que na análise realizada por Antunes (2016, 2018) o coeficiente de alfa= 0,86. Os resultados revelam uma elevada consistência interna da escala de inteligência espiritual e dimensões, conforme pode ser visto no Quadro 7.

Quadro 7. Estatística de Confiabilidade da Escala Total e Dimensões de Inteligência Espiritual

Fatores	Alfa de Cronbach	Nº de itens
Dimensão PEC	0,867	6
Dimensão PSP	0,878	5
Dimensão EEC	0,888	5
Escala Total de IE	0,940	16

PEC – Pensamento Existencial Crítico; PSP – Produção de Significado Pessoal; EEC – Expansão do Estado de Consciência.

No que se refere a escala de resiliência emocional, obtivemos coeficiente de alfa= 0,89 (Quadro 8), enquanto que no estudo original desenvolvido pelos autores Campbell-Sills e Stein (2007) encontrou-se um Alfa de Cronbach de valor igual a 0,85, sendo de boa propriedade psicométrica. Lembra-se que a escala usada no presente estudo é uma versão portuguesa com permissão de uso pelos autores, visto a escala CD-RISC-10, na altura em que se procedeu à recolha de dados, não ter sido traduzida e validada para o contexto português. A pesquisa mais próxima encontrada na época de utilização desta escala é a validada por Lopes e Martins (2011) para o português (Brasil), aplicada a população brasileira, onde se encontrou um Alfa Cronbach de 0,82. Muito recentemente, no presente ano de 2020, foi publicado um estudo de validação da CD-RISC-10 para a população portuguesa (Almeida et al., 2020).

Quadro 8. Estatística de Confiabilidade da Escala de Resiliência Emocional

	Alfa de Cronbach	Nº de itens
CD-RISC	0,886	10
CD-RISC: Connor and Davidson Resilience Scale		

4.2.2 Avaliação da normalidade dos dados

Para avaliar a normalidade dos dados, foi utilizado o teste de Kolmogorov-Smirnov, visto a quantidade de respondentes ser superior a 100 (Marôco, 2018). Encontrou-se valor de significância de 0,00, tanto para a escala de inteligência espiritual, quanto para a escala de resiliência emocional. Assim, rejeita-se a hipótese nula de que as escalas possuem distribuição normal ($p \geq 0,05$).

4.2.3 Estatísticas descritivas das escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional

Para responder aos objetivos específicos, os dados foram submetidos a análise descritiva para analisar os níveis de IE e suas dimensões (objetivo específico 1), os níveis de RE (objetivo específico 2), bem como eventuais diferenças decorrentes de variáveis individuais e profissionais (objetivo específico 3).

A média global observada para a escala IAIE foi de 42,26 pontos (DP= 12,85; EP= 1,26), variando entre 13,00 e 64,00. A mediana foi de 42,50, sendo que 75% dos participantes obteve 52,75 pontos e 25% obteve 33,50 pontos. Podemos com isso inferir que, de acordo com a tabela de pontuações do IAIE-16, a maior parte dos gestores possuem um nível de inteligência espiritual médio (entre 33 e 45 pontos). No estudo de Antunes (2016) os seus respondentes também apresentam um nível de inteligência espiritual médio, onde o valor global observado para o IAIE foi de 37,55 pontos, variando entre 6 e 64 pontos.

A média para a dimensão PEC foi de 15,90 pontos (DP= 5,418; EP= 0,531), variando entre 3 e 24 pontos. A mediana foi de 16,00 (Q1= 12,00; Q3= 21,00). No estudo de Antunes (2016) os respondentes pontuaram na dimensão PEC com valores ligeiramente mais baixos do que no presente estudo, com média de 14,22, com mínimo de 1,00 e máximo de 20,00 pontos. A média para a dimensão PSP foi de 14,34 (DP= 4,24; EP= 0,41), variando entre 4 e 20 pontos. A mediana foi de 15,00 (Q1= 12,00; Q= 17,00). No estudo de Antunes (2016) os respondentes pontuaram na dimensão PSP valores ligeiramente mais baixos com média de 13,38, variando entre 1 e 20,00. A média para a dimensão EEC foi de 12,02 (DP= 4,61; EP= 0,45), variando entre 3 e 20 pontos. A mediana foi de 12,00 (Q1= 8,00; Q3= 15,00). No estudo de Antunes (2016) os respondentes pontuaram na dimensão EEC valor mais baixo com média de 9,94, variando entre 0 e 20,00. De acordo com os dados recolhidos, os gestores aqui inquiridos apresentam níveis de IE médios, mas ligeiramente mais

elevados quando comparados com o estudo de Antunes (2016), a quem se deve a adaptação da escala de IE para o contexto português.

Para a escala de resiliência emocional, CD-RISC-10, a média observada no presente estudo é de 28,07 pontos (DP= 6,90; EP= 0,67), variando entre 4 e 40 pontos. Pontuações mais elevadas representam alto nível de resiliência (Almeida et al., 2020; Campbell-sills et al., 2009; Connor & Davidson, 2003; Lopes & Martins, 2011). Sendo assim, tem-se que as pessoas que obtiveram 4 ou valores próximos apresentam um nível de resiliência baixo comparado ao daquelas que apresentaram 40 ou valores próximos de 40, que traduzem níveis superiores de resiliência emocional. Assim, podemos observar que a média está mais próxima de um elevado nível de resiliência emocional para os gestores participantes do estudo.

A mediana foi de 29,00, sendo que 75% dos participantes obteve 33,00 pontos, enquanto 25% dos participantes obteve 25,25 pontos. Marselle, Warber e Irvine (2019), no seu estudo com sobre o aumento da resiliência decorrente da interação com a natureza (caminhadas de grupo na natureza), realizado com 1081 pessoas no Reino Unido, obtiveram uma pontuação média semelhante de 28,60 pontos. Na pesquisa de Houpy et al. (2017), baseada em estudantes de terceiro e quarto ano de medicina nos Estados Unidos, a pontuação média de resiliência emocional foi semelhante, de 28,20 pontos. No estudo de Lopes e Martins (2011), a pontuação média encontrada foi de 29,07. Almeida et al. (2020) dividiram seu estudo em duas amostras, onde a primeira apresentou pontuação de 25,94 e a segunda de 25,93.

O Quadro 9 apresenta as pontuações totais das escalas IAIE e suas dimensões e da escala unidimensional CD-RISC-10.

Quadro 9. Estatísticas descritivas para a escala IAIE e respetivas dimensões e escala CD-RISC (n= 104)

	IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
Média	42,26	15,90	14,34	12,02	28,07
Erro Padrão	1,261	0,531	0,416	0,453	0,677
Mediana	42,50	16,00	15,00	12,00	29,00
Desvio Padrão	12,859	5,418	4,242	4,617	6,902
Mínimo	13	3	4	3	4
Máximo	64	24	20	20	40
Percentis					
25	33,50	12,00	12,00	8,00	25,25
75	52,75	21,00	17,00	15,00	33,00

IAIE= Inventário de Autoavaliação de Inteligência Espiritual; CD-RISC= Connor and Davidson Resilience Scale; PEC= pensamento existencial crítico; PSP= produção de significado pessoal; EEC= expansão do estado de consciência.

Seguidamente, analisou-se a distribuição das respostas (frequência e percentagem) por níveis de inteligência: baixo, médio e elevado. Foi possível verificar que 44,20% dos participantes apresentam uma inteligência espiritual classificada como alta, 31,80% situam-se no nível médio e 24,00% relevam um nível de inteligência espiritual classificado como nível baixo. O Quadro 10 apresenta as frequências dos níveis baixo, médio ou elevado dos valores obtidos na escala IAIE.

Quadro 10. Classificação em Níveis Baixo, Médio e Elevado - IAIE-16

Classificação	Frequência	Percentagem Válida
Baixo	25	24,00
Médio	33	31,80
Alto	46	44,20
Total	104	100,00

Seguidamente, foram analisadas as pontuações médias para as escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional de acordo com as características sociodemográficas dos participantes/gestores. Recorreu-se à utilização dos testes não paramétricos U de Mann-Whitney e H de Kruskal-Wallis com nível de significância de 5%, sendo considerados significativos os resultados com valor de $p < 0,05$, uma vez que os dados não revelaram normalidade na sua distribuição. Foram realizados testes de comparações múltiplas (post-hoc) para comparar as médias nas diferentes categorias das variáveis sociodemográficas e verificar qual ou quais os pares de médias apresentam diferenças significativas.

Através do teste U de Mann-Whitney, verificou-se que as pontuações da escala de inteligência espiritual, por género, revelam níveis de IE superiores nas mulheres comparativamente aos dos homens, todavia a diferença não é estatisticamente significativa. Também não se encontraram diferenças estatisticamente significativas nas pontuações das dimensões de inteligência espiritual em função do género.

Pode-se considerar que para ambos os géneros o nível de inteligência espiritual é médio. No estudo de King (2008), autor da escala em inglês que deu origem a escala validada IAIE, verificou-se não existir diferença significativa entre o nível de inteligência espiritual, suas dimensões e o género. Já no estudo de Antunes (2016) existe diferença significativa no nível de inteligência espiritual, e das dimensões da escala, sendo que o género feminino possui pontuação mais elevada que o masculino.

No teste U de Man-Whitney para a resiliência emocional também não se encontrou uma diferença significativa na variável género.

No estudo de Lopes e Martins (2011) também não foram encontradas diferenças significativas entre os gêneros para a resiliência emocional. Igual resultado foi encontrado por Bonanno et al. (2007). Já no estudo de Campbell-sills et al. (2009) os indivíduos do sexo masculino da pesquisa revelaram possuir um nível de resiliência emocional mais elevada do que as participantes do sexo feminino, sendo a diferença estatisticamente significativa. O mesmo resultado foi encontrado por Almeida et al. (2020), onde o gênero feminino pontuou menos na escala CD-RISC.

Realizou-se o teste H de Kruskal-Wallis para analisar a relação entre a variável idade e a escala de inteligência espiritual (e suas dimensões), e a escala de resiliência emocional. No presente estudo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) nos grupos etários, tanto na escala IAIE-16 e suas dimensões como na escala de resiliência emocional.

Na pesquisa de King (2008) foi encontrada uma correlação positiva entre a idade e a inteligência espiritual e suas dimensões, com $p < 0,01$, todavia o autor não analisou que grupos etários apresentam diferenças significativas, sugerindo que outros estudos deveriam ser efetuados para observar em quais intervalos há essa diferença. No estudo de Antunes (2016), os participantes mais jovens revelaram um nível de inteligência espiritual inferior aos mais velhos. Resultado idêntico foi encontrado para as dimensões da escala IAIE-16.

Relativamente à escala CD-RISC, segundo o estudo de Bonanno et al. (2007), a idade aparece positivamente associada à resiliência emocional, ou seja, quanto mais velhos, mais resilientes do ponto de vista emocional. Ainda para Bonanno et al. (2007), pessoas que têm 65 anos ou mais são três vezes mais resilientes do que àquelas que possuem entre 18 e 24 anos. Resultado semelhante foi encontrado nos estudos de Campbell-Sills et al. (2009), Lundman et al. (2007), Gillespie et al. (2009), Rosenberg et al. (2015), Terrill et al. (2016), Böell, da Silva e Hegadoren (2016), Lee et al. (2017), Seib et al. (2018) e por Lopes e Martins (2011), muito embora neste último caso a correlação encontrada seja baixa. Jorgensen e Seedat (2008), Lamond et al. (2008), Yu et al. (2011) e Wu et al. (2016) encontraram uma baixa correlação entre a idade e a resiliência emocional em adolescentes. Ao contrário dos estudos anteriores, Connor e Davidson (2003), Huang (2009), Gucciardi et al. (2011), Derakhshanrad et al. (2014) e Bozikas et al. (2016) não encontraram correlação significativa entre a idade e a resiliência emocional. Para Liu et al. (2015), a idade não é um fator relevante para a resiliência emocional.

Através do teste H de Kruskal-Wallis, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas em função do estado civil para a escala global de inteligência espiritual e suas dimensões. Todavia, a escala de resiliência emocional apresenta diferenças significativas ($p < 0,05$). Os participantes

viúvos apresentam o valor médio mais baixo na escala de resiliência emocional, ou seja, 15,33 (DP= 11,84; EP= 6,83) e os solteiros o mais elevado: 29,97 (DP= 5,18; EP= 0,91), seguidos dos casados: 29,20 (DP= 5,56; EP= 0,86). Os gestores em união de facto apresentam um valor médio de resiliência emocional de 26,62 (DP= 6,78; EP= 1,88). Os resultados podem ser vistos no Quadro 11.

Quadro 11. Estatística Descritiva para escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função do Estado Civil (n= 104)

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
Solteiro (a) (n= 32)	Média	43,69	16,69	14,72	12,28	29,97
	Erro Padrão	2,161	0,969	0,654	0,752	0,916
	Mediana	46,00	17,50	15,00	12,00	30,00
	Desvio Padrão	12,225	5,480	3,700	4,252	5,184
	Mínimo	13	3	5	4	17
	Máximo	64	24	20	20	40
	Percentis	25 75	35,25 51,50	13,00 22,00	13,00 17,00	9,25 15,00
União de Facto (n= 13)	Média	43,38	17,15	14,23	12,00	26,62
	Erro Padrão	3,832	1,632	1,139	1,540	1,883
	Mediana	43	18	14	11	27
	Desvio Padrão	13,817	5,886	4,106	5,553	6,789
	Mínimo	18	6	5	3	10
	Máximo	64	24	20	20	35
	Percentis	25 75	33,50 57,00	12,00 22,50	12,00 17,50	8,00 17,00
Casado (a) (n= 41)	Média	41,44	15,12	14,46	11,85	29,2
	Erro Padrão	1,978	0,826	0,673	0,703	0,869
	Mediana	40	15	15	12	29
	Desvio Padrão	12,667	5,288	4,308	4,503	5,564
	Mínimo	16	4	5	5	10
	Máximo	64	24	20	20	38
	Percentis	25 75	32,00 53,00	11,50 19,50	11,50 17,50	7,00 15,00
Divorciado (a) (n= 15)	Média	41,60	15,33	14,00	12,27	24,73
	Erro Padrão	3,540	1,279	1,287	1,325	2,343
	Mediana	43	15	14	14	24
	Desvio Padrão	13,710	4,952	4,986	5,133	9,075
	Mínimo	14	6	4	4	4
	Máximo	59	24	20	20	37
	Percentis	25 75	30,00 53,00	12,00 18,00	11,00 18,00	7,00 17,00
Viúvo (a) (n= 3)	Média	36,67	15,67	10,67	10,33	15,33
	Erro Padrão	11,893	4,910	3,844	3,480	6,839
	Mediana	39	19	9	11	9
	Desvio Padrão	20,599	8,505	6,658	6,028	11,846

	IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
Mínimo	15	6	5	4	8
Máximo	56	22	18	16	29
Percentis 25	15,00	6,00	5,00	4,00	8,00
75
Significância (p)*	0,931	0,606	0,807	0,966	0,050

*A diferença média é significativa no nível $p < 0,05$.

O teste post-hoc, que compara as médias nas diferentes categorias de resposta da variável independente, demonstra diferenças significativas em termos de resiliência emocional entre os grupos "solteiros", onde se verifica o nível de resiliência emocional mais elevado, e "divorciados" ($p = 0,047$) e os grupos "solteiros" e "viúvos" ($p = 0,038$).

No estudo de Antunes (2016), os viúvos pontuaram mais do que as restantes categorias da variável estado civil para a escala de inteligência espiritual, sendo a diferença entre os grupos "solteiros" e "viúvos" significativa do ponto de vista estatístico. No estudo de King (2008) esta análise comparativa não foi apresentada.

Em várias pesquisas, a relação entre a CD-RISC e o estado civil revelou-se inconsistente. É o caso dos estudos conduzidos por Connor e Davidson (2003), Wilks (2006), Lamond et al. (2008), Jowkar et al. (2010) e Derakhshanrad et al. (2014). Para Wu et al. (2016) não existe relação entre a resiliência emocional e o estado civil.

Outras pesquisas, porém, revelam diferenças significativas no nível de resiliência emocional em função do estado civil (Campbell-Sills et al., 2009; Yu et al., 2011; Levasseur et al., 2017). Nestes estudos, as pessoas viúvas apresentavam nível de resiliência emocional mais baixos do que aqueles que estavam casados ou divorciados.

Através do teste U de Man-Whitney, verificou-se que não há diferenças significativas em função da variável ter ou não ter filhos e a escala global de inteligência espiritual (e suas dimensões), e a escala de resiliência emocional.

Realizou-se o teste H de Kruskal-Wallis para analisar a relação entre a variável nível académico e a escala de inteligência espiritual (e suas dimensões), e a escala de resiliência emocional. No presente estudo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos grupos correspondentes aos vários graus académicos, tanto na escala IAIE-16 e suas dimensões como na escala de resiliência emocional.

Noutros estudos, porém, foram encontradas diferenças decorrentes do grau académico. Relativamente à inteligência espiritual, Antunes (2016) concluiu que os indivíduos com grau de mestrado revelam um nível de inteligência espiritual mais alto do que os que possuem outros graus

acadêmicos. Já para King (2008), as categorias estudadas são para estudantes do primeiro, segundo e terceiro grau estudado, encontrando uma baixa correlação entre a inteligência espiritual e os estudantes do pós-secundário. Referente à resiliência emocional, os valores médios nos grupos estudados (segundo o nível acadêmico) se assemelham aos resultados encontrados nos estudos de Lamond et al. (2008) e Böell, da Silva e Hegadoren (2016). Entretanto, foi encontrada uma significativa relação positiva com o nível de escolaridade, onde a medida que a resiliência aumenta, o nível de escolaridade cresce na mesma proporção por Campbell-Sills et al. (2009), Wu et al. (2016), Marwitz et al. (2017) e Brown et al. (2018).

Através do teste H de Kruskal-Wallis, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas em função do nível de gestão para a escala global de inteligência espiritual (e suas dimensões) e a escala de resiliência emocional.

Realizou-se o teste H de Kruskal-Wallis para analisar a existência de diferenças nos níveis de inteligência espiritual (e suas dimensões), bem como de resiliência emocional em função da experiência profissional. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no nível de inteligência espiritual global e em duas dimensões de IE (Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência) consoante o número de anos de experiência profissional.

Para identificar quais os grupos da variável "experiência profissional" que demonstram diferenças significativas, procedeu-se ao teste de comparações múltiplas (post-hoc). Existem diferenças em matéria de inteligência espiritual ($p= 0,002$) nos grupos "entre 16 e 20 anos de experiência profissional", que regista o valor médio mais elevado, ou seja, 46,56 (DP= 12,36; EP= 2,91) e "5 anos ou menos de experiência profissional", que apresenta o valor mais baixo de 34,25 (DP= 8,18; EP= 2,36). As diferenças são também estatisticamente significativas ($p= 0,028$) nos grupos "entre 6 e 10 anos de experiência profissional", com uma pontuação de 44,83 (DP= 12,99; EP= 3,06), e "5 anos ou menos". E ainda nos grupos "entre 11 e 15 anos de experiência profissional", com um valor de 44,96 (DP= 12,52; EP= 2,55) e "5 anos ou menos de experiência profissional", com um $p= 0,004$.

Existem diferenças para a dimensão PSP ($p= 0,00$) nos grupos "5 anos ou menos", que obtiveram o valor médio mais baixo de 11,25 (DP= 2,89; EP= 0,83) e "entre 16 e 20 anos de experiência profissional", com valor médio mais elevado de 15,89 (DP= 5,71; EP= 1,34). E ainda nos grupos "entre 6 e 10 anos de experiência profissional", com uma pontuação de 15,17 (DP= 3,94; EP= 0,93) e "5 anos ou menos", com um $p= 0,004$. Já o grupo "entre 11 e 15 anos" pontuou 15,29 (DP= 3,85; EP= 0,78) e possuem diferença significativa ($p= 0,001$) em relação ao grupo "5 anos ou menos".

Em relação a dimensão EEC o valor médio mais baixo foi de 9,42 (DP= 2,31; EP= 0,66) para o grupo "5 anos ou menos de experiência profissional", enquanto o valor médio mais elevado foi o do grupo "entre 11 e 15 anos" de 13,46 (DP= 4,37; EP= 0,89), sendo a diferença significativa ($p= 0,005$). O grupo "21 anos de experiência profissional ou mais", com pontuação de 10,97 (DP= 4,12; EP= 0,72) apresenta diferença significativa ($p= 0,038$) com o grupo "entre 11 e 15 anos".

Os resultados podem ser encontrados no Quadro 12.

Quadro 12. Estatística Descritiva para escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função da Experiência Profissional (n= 104)

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
<=5 anos (n= 12)	Média	34,25	13,58	11,25	9,42	24,33
	Erro Padrão	2,362	1,276	0,836	0,668	1,936
	Mediana	35,00	14,50	11,00	10,00	26,50
	Desvio Padrão	8,181	4,420	2,896	2,314	6,706
	Mínimo	16	6	5	5	10
	Máximo	48	22	16	13	33
	Percentis	25	30,50	9,75	10,00	7,25
	75	39,25	15,75	13,00	11,00	29,50
6-10 anos (n= 18)	Média	44,83	16,94	15,17	12,72	29,06
	Erro Padrão	3,064	1,211	0,930	1,174	1,130
	Mediana	47,50	16,50	15,00	13,50	29,00
	Desvio Padrão	12,999	5,139	3,944	4,980	4,795
	Mínimo	18	9	5	4	19
	Máximo	64	24	20	20	40
	Percentis	25	32,00	12,50	12,00	7,75
	75	55,75	21,50	19,25	15,50	33,00
11-15 anos (n= 24)	Média	44,96	16,21	15,29	13,46	30,42
	Erro Padrão	2,556	1,183	0,786	0,893	1,207
	Mediana	45,50	17,00	16,00	13,50	31,50
	Desvio Padrão	12,523	5,793	3,850	4,374	5,912
	Mínimo	13	3	5	5	19
	Máximo	64	24	20	20	38
	Percentis	25	37,75	12,00	14,25	11,00
	75	55,75	21,50	18,00	17,75	36,00
16-20 anos (n= 18)	Média	46,56	17,67	15,89	13,00	28,00
	Erro Padrão	2,914	1,140	0,783	1,348	1,555
	Mediana	49,00	18,50	16,00	14,00	28,00
	Desvio Padrão	12,363	4,839	3,324	5,719	6,598
	Mínimo	18	7	6	3	10
	Máximo	64	24	20	20	39
	Percentis	25	38,00	14,00	14,00	7,75
	75	56,25	22,00	18,25	18,25	33,00
21 anos ou + (n= 32)	Média	39,38	14,97	13,44	10,97	27,19
	Erro Padrão	2,366	1,014	0,869	0,729	1,467
	Mediana	41,00	15,50	14,00	11,50	29,00

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC	
	Desvio Padrão	13,387	5,733	4,918	4,123	8,299	
	Mínimo	14	4	4	4	4	
	Máximo	61	24	20	19	38	
	Percentis	25	27,25	11,00	8,25	6,00	25,25
		75	50,00	18,75	17,75	14,00	32,50
	Significância (p)*	0,023	0,225	0,008	0,042	0,138	
*A diferença média é significativa no nível $p < 0,05$.							

Através do teste H de Kruskal-Wallis, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas em função da antiguidade dentro da organização para a escala global de inteligência espiritual (e suas dimensões) e para a escala de resiliência emocional.

Realizou-se o teste H de Kruskal-Wallis para analisar a relação entre a variável antiguidade na função e a escala global de inteligência espiritual (e suas dimensões), e a escala de resiliência emocional. No presente estudo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no nível de inteligência espiritual e nas dimensões Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência em função da variável antiguidade na função.

Para identificar em que categorias da variável "antiguidade na função" existem diferenças significativas, procedeu-se ao teste de comparações múltiplas (post-hoc). Foram encontradas diferenças significativas nos pares de médias dos grupos, relativamente a inteligência espiritual, "entre 11 e 15 anos de antiguidade na função", que regista o valor médio mais elevado, ou seja, 49,13 (DP= 10,21; EP= 2,55) e "entre 16 e 20 anos de antiguidade na função", que apresenta o valor médio mais baixo, de 33,55 (DP= 14,98; EP= 4,51), com um $p = 0,005$. O grupo que possui "5 anos ou menos de antiguidade na função", que regista pontuação de 41,02 (DP= 12,01; EP= 1,87) possui diferença significativa ($p = 0,02$) com o grupo "entre 11 e 15 anos de antiguidade na função". Foram encontradas também diferenças significativas no grupo "entre 6 e 10 anos", que regista valor médio de 43,91 (DP= 11,70; EP= 2,49) e o grupo "entre 16 e 20 anos", com um $p = 0,048$.

Foram encontradas diferenças significativas nos pares de médias dos grupos, relativamente a dimensão PSP, "entre 11 e 15 anos", que regista o valor médio mais elevado, ou seja, 17,00 (DP= 2,44; EP= 0,61) e "entre 16 e 20 anos", que apresenta o valor médio mais baixo de 12,18 (DP= 5,13; EP= 1,54), com um $p = 0,017$. O grupo "5 anos ou menos" obteve valor médio de 13,66 (DP= 4,98; EP= 0,62) apresentando diferença significativa ($p = 0,04$) com o grupo "entre 11 e 15 anos"

Concernente a dimensão EEC foram encontradas diferenças significativas nos pares de médias dos grupos "entre 11 e 15 anos", que regista o valor médio mais elevado, ou seja, 14,63 (DP= 4,19; EP= 1,04) e "entre 16 e 20 anos", que apresenta o valor médio mais baixo de 9,09 (DP= 5,02;

EP= 1,51), com um $p= 0,008$. O grupo "entre 16 e 20 anos" apresenta diferença significativa ($p= 0,05$) com o grupo "5 anos ou menos", que regista valor médio de 11,68 (DP= 4,20; EP= 0,65). Também foram encontradas diferenças significativas nos pares de médias dos grupos "entre 11 e 15 anos" e "5 anos ou menos", com um $p= 0,018$.

Os resultados podem ser vistos no Quadro 13.

Quadro 13. Estatística Descritiva para escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função da Antiguidade na Função (n= 104)

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
<=5 anos (n= 41)	Média	41,02	15,68	13,66	11,68	27,9
	Erro Padrão	1,877	0,778	0,623	0,657	0,989
	Mediana	40,00	15,00	15,00	11,00	28,00
	Desvio Padrão	12,018	4,982	3,991	4,204	6,332
	Mínimo	16	6	5	4	10
	Máximo	64	24	20	20	38
	Percentis	25	32,00	12,50	11,00	8,50
	75	50,50	19,50	16,00	15,00	33,00
6-10 anos (n= 22)	Média	43,91	16,27	15,27	12,36	28,59
	Erro Padrão	2,496	1,148	0,751	1,052	1,156
	Mediana	45,00	16,00	15,00	13,00	27,50
	Desvio Padrão	11,706	5,382	3,521	4,933	5,422
	Mínimo	18	5	6	3	19
	Máximo	64	24	20	20	40
	Percentis	25	36,00	11,75	14,00	8,50
	75	52,00	21,00	17,25	15,25	31,00
11-15 anos (n= 16)	Média	49,13	17,50	17,00	14,63	31,06
	Erro Padrão	2,554	1,165	0,612	1,048	1,436
	Mediana	48,00	17,50	17,00	15,50	31,50
	Desvio Padrão	10,217	4,662	2,449	4,193	5,744
	Mínimo	32	11	14	7	18
	Máximo	64	24	20	20	39
	Percentis	25	40,50	13,25	14,25	11,25
	75	58,75	22,00	19,75	17,75	36,25
16-20 anos (n= 11)	Média	33,55	12,27	12,18	9,09	28,64
	Erro Padrão	4,517	1,978	1,548	1,516	1,466
	Mediana	29,00	11,00	13,00	6,00	26,00
	Desvio Padrão	14,982	6,559	5,135	5,029	4,864
	Mínimo	13	3	5	5	24
	Máximo	57	21	18	19	37
	Percentis	25	24,00	5,00	7,00	6,00
	75	50,00	19,00	17,00	12,00	35,00
21+ anos (n= 14)	Média	42,29	17,00	13,50	11,79	23,86
	Erro Padrão	3,961	1,586	1,463	1,173	2,92
	Mediana	44,50	17,50	14,00	13,00	28,50
	Desvio Padrão	14,819	5,936	5,474	4,388	10,925
	Mínimo	14	6	4	4	4

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
	Máximo	61	24	20	19	36
	Percentis 25	35,75	13,50	8,75	9,75	12,00
	75	55,25	22,25	18,25	14,25	32,00
	Significância (p)*	0,042	0,188	0,038	0,035	0,272

*A diferença média é significativa no nível $p < 0,05$.

Através do teste H de Kruskal-Wallis, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas em função da religião para a escala global de inteligência espiritual e as dimensões PSP e EEC, porém observou-se diferenças estatisticamente significativas para a dimensão PEC. Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas para a escala de resiliência emocional em função da religião.

Referente a dimensão PEC, verificou-se que os gestores que declararam não possuir nenhuma religião apresentam o valor médio mais elevado, de 17,83 (DP= 5,30; EP= 2,16), e o valor mais baixo foi encontrado nos participantes que possuem algum tipo de religião, mas que entretanto não praticam, pontuando 12,70 (DP= 4,75; EP= 1,06), sendo essa diferença significativa ($p = 0,039$). Os participantes que possuem algum tipo de religião e praticam pontuaram 16,41 (DP= 5,37; EP= 0,69), sendo a média significativamente da apresentada pelo grupo dos "que possuem religião e não praticam" ($p = 0,008$). O grupo que "possui outras crenças de vida" obteve valor médio de 17,11 (DP= 5,31; EP= 1,21), que é significativamente diferente da média correspondente ao grupo que "possui religião e não pratica" ($p = 0,006$). Os resultados podem ser vistos no Quadro 14.

Quadro 14. Estatística Descritiva para Escala IAIE e Respetivas Dimensões e CD-RISC e Análise Comparativa em Função da Religião (n= 104)

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC
Não possui religião (n= 6)	Média	44,50	17,83	14,00	12,67	28,67
	Erro Padrão	5,630	2,160	1,960	1,680	1,300
	Mediana	41,00	17,00	13,00	11,00	27,50
	Desvio Padrão	13,790	5,300	4,810	4,130	3,200
	Mínimo	28,00	11,00	8,00	9,00	26,00
	Máximo	64,00	24,00	20,00	20,00	34,00
	Percentis 25	33,25	13,25	10,25	9,75	26,00
	75	59,50	24,00	19,25	16,25	31,75
Possui religião / não pratica (n= 20)	Média	35,65	12,70	12,70	10,25	28,70
	Erro Padrão	2,460	1,060	0,910	0,830	1,130
	Mediana	37,00	13,00	14,00	11,00	27,50
	Desvio Padrão	11,030	4,750	4,070	3,750	5,060
	Mínimo	13,00	3,00	5,00	4,00	19,00
	Máximo	57,00	23,00	19,00	18,00	38,00
	Percentis 25	29,50	9,25	10,25	6,25	26,00
	75	41,75	15,75	15,75	12,75	32,50

		IAIE	PEC	PSP	EEC	CD-RISC	
Possui religião / prática (n= 59)	Média	43,53	16,41	14,75	12,37	28,19	
	Erro Padrão	1,680	0,690	0,540	0,640	0,890	
	Mediana	44,00	17,00	15,00	12,00	29,00	
	Desvio Padrão	12,960	5,370	4,160	4,920	6,890	
	Mínimo	16,00	4,00	5,00	3,00	9,00	
	Máximo	64,00	24,00	20,00	20,00	40,00	
	Percentis	25	32,00	12,00	12,00	7,00	24,00
		75	55,00	21,00	18,00	17,00	33,00
Possui outras crenças de vida (n= 19)	Média	44,58	17,11	14,89	12,58	26,84	
	Erro Padrão	2,910	1,210	1,000	1,020	2,140	
	Mediana	46,00	17,00	15,00	13,00	28,00	
	Desvio Padrão	12,720	5,310	4,370	4,450	9,340	
	Mínimo	14,00	6,00	4,00	4,00	4,00	
	Máximo	64,00	24,00	20,00	20,00	39,00	
	Percentis	25	40,00	14,00	14,00	11,00	26,00
		75	52,00	22,00	18,00	15,00	34,00
Significância (p)*		0,07	0,02	0,20	0,28	0,99	
*A diferença média é significativa no nível $p < 0,05$.							

4.2.4 Análises de correlação entre as escalas de inteligência espiritual e resiliência emocional

Finalmente, procedeu-se à análise bivariada, ou seja, análise da relação entre a inteligência espiritual (e suas dimensões) e a resiliência emocional, com recurso ao coeficiente de correlação de *Spearman* (Quadro 15). A resiliência emocional está positivamente associada à inteligência espiritual, com coeficiente de *Spearman* igual a 0,238 ($p < 0,05$). Este resultado, de acordo com Marôco (2018) demonstram que a correlação seja fraca, muito embora a expectativa no início desta pesquisa e da literatura fosse uma correlação mais forte (Dodman & Moradi, 2015; Hatami et al., 2019; Kesthegar & Jenaabadi, 2015; Khosravi & Nikmanesh, 2014; Partovi & Boland, 2016; Saboori & Mohammadi, 2017; Salmabadi et al., 2016; Sogolitappeh, 2018 e Sood & Bakhshi, 2013). Corroborando com outros estudos sobre o tema, como os dos autores acima, esta correlação sugere ainda que as pessoas espiritualmente mais inteligentes tenderão a ser mais resilientes do ponto de vista emocional.

Quadro 15. Correlações Entre as Escalas de Inteligência Espiritual, e suas Dimensões, e Resiliência Emocional (N= 104)

		Inteligência Espiritual (IE)	Pensamento Existencial Crítico (PEC)	Produção de Significado Pessoal (PSP)	Expansão do Estado de Consciência (EEC)
Resiliência Emocional (RE)	Correlação de <i>Spearman</i>	0,238*	0,133	0,300**	0,255*
*p<0,05; ** p<0,01					

Relativamente às associações entre as dimensões de inteligência espiritual e a resiliência emocional, verifica-se que o valor da correlação não é estatisticamente significativo no caso da dimensão Pensamento Existencial Crítico ($r_s = 0,133$, $p > 0,05$), sendo significativos nas restantes dimensões. Tanto a dimensão Produção de Significado Pessoal como a Expansão do Estado de Consciência estão positivamente correlacionadas com a resiliência emocional, embora as correlações sejam fracas, respetivamente $r_s = 0,300$; $p < 0,01$ e $r_s = 0,255$; $p < 0,05$.

Capítulo 5 – Conclusão

5.1 Conclusão

Este capítulo tem por objetivo destacar as principais descobertas desta pesquisa e limitações, assim como apresentar sugestões para posteriores estudos na área e os contributos trazidos.

A presente dissertação teve como premissa elucidar sobre a relação existente entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional numa amostra de gestores portugueses.

Para responder aos objetivos específicos, começou-se por analisar o nível de inteligência espiritual e resiliência emocional nos gestores participantes do estudo. Os resultados encontrados revelam que as pontuações dos participantes, em ambas as escalas, podem ser enquadradas como de nível médio.

O outro objetivo específico visava identificar eventuais diferenças nos níveis de inteligência espiritual e resiliência emocional em função de variáveis sociodemográficas. Os resultados sugerem que o nível global de inteligência espiritual e os níveis nas dimensões Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência diferem consoante a experiência profissional. Os gestores que possuem entre 6 e 10 anos de experiência profissional e entre 11 e 15 anos obtiveram pontuação mais elevada do que os restantes grupos. Segundo a literatura da especialidade, a inteligência espiritual é aquela que dá sentido a vida e a existência e os resultados aqui encontrados levam a crer que os gestores que possuem mais experiência também são aqueles que sentem que a sua vida possui sentido na carreira que escolheram. Obviamente outros estudos mais específicos sobre o estilo de vida destes indivíduos precisam ser conduzidos a fim de comprovar esta teoria.

Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas decorrentes da antiguidade na função, tanto na escala global de inteligência espiritual como nas dimensões Produção de Significado Pessoal e Expansão do Estado de Consciência. Os participantes que têm entre 11 e 15 anos de antiguidade na função apresentam pontuações mais elevadas comparativamente aos gestores nos outros intervalos (número de anos na função).

Apenas a dimensão Pensamento Existencial Crítico registou diferenças significativas em função da variável religiosidade, sendo que o nível global de inteligência espiritual e nas outras duas dimensões não parece diferir consoante o ter ou não religião ou ter outras crenças. Foi nos grupos que revelaram "não possuir religião" ou "possuir outras crenças de vida" que as pontuações são mais elevadas em relação às demais categorias.

Os níveis de inteligência espiritual (geral e nas respetivas dimensões) não apresentam diferenças com significado estatístico nas variáveis idade, gênero, estado civil, número de filhos, nível de habilitações académicas, antiguidade na organização e nível de gestão.

Relativamente à resiliência emocional, verificou-se que os participantes nas categorias de resposta “solteiros” obtiveram pontuações mais elevadas do que o grupo de divorciados e viúvos, sendo as diferenças estatisticamente significativas. O nível de resiliência emocional de “viúvos” nos estudos de Campbell-Sills et al. (2009), Yu et al. (2011) e Levasseur et al. (2017) revelou-se mais baixo do que o dos participantes que estavam casados ou divorciados. Também não há evidências sobre alterações significativas na resiliência emocional dos gestores onde o tipo de credo é distinto.

Finalmente, o último objetivo específico (e objetivo central deste estudo) propunha estudar a relação entre a inteligência espiritual e resiliência emocional. A análise bivariada revelou a existência de uma correlação positiva entre a inteligência espiritual e a resiliência emocional, embora baixa. Ou seja, esta associação positiva sugere que quanto mais elevada a inteligência espiritual, maior a resiliência emocional. Duas dimensões da inteligência espiritual também aparecem positivamente correlacionadas com a resiliência emocional. São elas a «Produção de Significado Pessoal» e a «Expansão do Estado de Consciência». Apesar de terem significado estatístico, os valores encontrados sugerem correlações fracas.

5.2 Limitações e sugestões

O presente estudo apresenta limitações, algumas das quais podem ser aperfeiçoadas em futuros estudos.

O número de respondentes resultou numa amostra de tamanho inferior ao que se esperava. Encontrar pessoas que se dispusessem a responder ao questionário foi um desafio. E daquelas que resolveram participar do estudo, algumas recusaram-se a responder pelo seu tamanho. Embora nos objetivos esteja muito claro que o que se pretendeu foi estudar algumas dimensões da resiliência, uma vez que para estudar a resiliência como um todo exigiria outros recursos, a extensão do questionário e a complexidade das temáticas poderá ter dissuado alguns indivíduos de participarem no estudo.

Dimensões como autoestima, stress e traumas, por exemplo, podem ser interessantes de serem trabalhadas junto às escalas de resiliência a fim de averiguar a relação com a inteligência espiritual.

Sugere-se ainda a realização de estudos do tipo qualitativo, com recurso a entrevistas com estes gestores e com outros profissionais. Deste modo, seria possível explorar em maior detalhe alguns aspetos menos conseguidos com o inquérito por questionário.

5.3 Contributos

A presente dissertação dá um contributo à comunidade académica no domínio da relação entre inteligência espiritual e resiliência emocional, ainda pautado pela escassez de estudos.

Para os gestores nas organizações, espera-se que o estudo sensibilize para outras abordagens na gestão das pessoas, chamando a atenção para outro tipo de inteligência (espiritual) para além das mais convencionais: inteligência racional e a inteligência emocional.

O estudo revela que quanto mais elevada a inteligência espiritual maior a resiliência emocional. Na prática, sugere que a utilização e o bom uso da inteligência espiritual no dia a dia podem fazer com que as pessoas enfrentem os seus problemas da melhor maneira possível, tornando-se resilientes emocionalmente frente aos desafios que aparecem em todos os aspetos da vida, e claro, dentro das organizações que fazem parte. É um chamado de uma nova era em que as pessoas não sejam apenas consideradas recursos e sim seres humanos competentes e conscientes não só a nível intelectual, mas também espiritual. Um chamado em que as pessoas sejam suficientemente fortes, resilientes para suportar os encargos das mudanças constantes que o mercado e os negócios à escala mundial impõem. Espera-se, com este estudo, que mais e mais pessoas possam aprender, entender e praticar no dia a dia uma nova forma de inteligência e desenvolver a capacidade de serem mais e mais resilientes emocionalmente.

Referências Bibliográficas

- Albertini, E. (2012). *Integrating spirituality into leadership development*. Tese de doutoramento inédita, University of Johannesburg, Faculty of Management, Department of Industrial Psychological and People Management, Johannesburg, South Africa.
- Almeida, M. H., Dias, S., Xavier, M., & Torgal, J. (2020). Validação exploratória e confirmatória da escala de resiliência Connor-Davidson (CD-RISC-10) numa amostra de inscritos em centros de emprego. *Revista Científica da Ordem dos Médicos: Acta Medica Portuguesa*, 33(2), 124-132 <https://doi.org/10.20344/amp.12243>.
- Amram, Y. (2007, august). *The seven dimensions of spiritual intelligence: An ecumenical, grounded theory*. Comunicação apresentada em 115th Annual Conference of the American Psychological Association, San Francisco, California, USA. Recuperado em 8 de dezembro de 2019, de <http://www.geocities.com/isisfindings/>
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: Uma revisão teórica. *Revista Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294. doi: 10.1590/S1413-294X1998000200006.
- Antunes, R. R., & Silva, A. P. (2019). *Fundamentos para a formação dos educadores no século XXI: Liderança pedagógica, bem-estar docente e inteligência espiritual*. Porto: Fundação Manuel Leão.
- Antunes, R. R. (2016). *Liderança pedagógica, bem-estar e inteligência espiritual em educadores de infância e professores dos ensinos básico e secundário*. Tese de doutoramento inédita, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Instituto de Educação, Lisboa.
- Antunes, R. R., Silva, A. P., & Oliveira, J. (2018). Spiritual intelligence self-assessment inventory: Psychometric properties of the Portuguese version of SISRI-24. *Journal of Religion, Spirituality & Aging*, 30(1), 12-24. doi: 10.1080/15528030.2017.1324350.
- Araújo, M. F. M., Almeida, M. I., Cidrack, M. L., Queiroz, H. M. C., Pereira, M. C. S., & Menescal, Z. L. C. (2008). O papel da religiosidade na promoção da saúde do idoso. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 21(3), 201-208. doi: 10.5020/18061230.2008.
- Arnal, J., Del Rincón, D., & Latorre, A. (1992). *Investigación educativa: Fundamentos y metodologías*. Barcelona: Labor.
- Ashmos, D. P., & Duchon, D. (2000). Spirituality at work: A conceptualization and measure. *Journal of Management Inquiry*, 2(9), 134-145. doi: doi.org/10.1177/105649260092008.
- Bakker A. B., & Demerouti, E. (2008). Towards a model of work engagement. *Career Development International Journal*, 13(3), 209-223. doi.org/10.1108/13620430810870476.
- Bakker, A. B., Rodríguez-Muñoz, A., & Derks, D. (2012). La emergencia de la psicología de la salud ocupacional positiva. *Psicothema Journal*, 24(1), 66-72. Recuperado em 27 de agosto de 2019, de <http://www.psicothema.com/psicothema.asp?id=3980>.
- Barlach, L. (2005). *O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito*. Dissertação de mestrado inédita, Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo.

- Bertalanffy, L. (2008). *Teoria geral dos sistemas: Fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis: Vozes.
- Bierly, P., Kessler, H. E., & Christensen, E. (2000). Organizational learning, knowledge and wisdom. *Journal of Organizational Change Management*, 13(6), 595-618. doi: 10.1108/09534810010378605.
- Böell, J. E. W., da Silva, D. M. G. V., & Hegadoren, K. M. (2016). Fatores sociodemográficos e condições de saúde associados à resiliência de pessoas com doenças crônicas: Um estudo transversal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 24 e2786, 1-9. doi: 10.1590/1518-83451205.2786.
- Bonanno, G. A., & Diminich, E. D. (2013). Annual research review: Positive adjustment to adversity, trajectories of minimal-impact resilience and emergent resilience. *The Journal of Child Psychology Psychiatry*, 54(4), 378–401. doi:10.1111/jcpp.12021.
- Bonanno, G. A., Galea, S., Bucchiarelli, A., & Vlahov, D. (2007). What predicts psychological resilience after disaster? The role of demographics, resources, and life stress. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75(5), 671-682.
- Bozikas, V. P., Parlapani, E., Holeva, V., Skemperi, E., Bargiota, S., Kirla, D., Rera, E., & Garyfallos, G. (2016). Resilience in patients with a recent diagnosis of a schizophrenia spectrum disorder. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 204(8), 578-584. doi: 10/1097/NMD.0000000000000541.
- Branco, P. (2017). *O papel da resiliência no recrutamento de funções executivas e de gestão intermédia*. Dissertação de mestrado inédita, Universidade Europeia, Lisboa.
- Brandão, J. M., & Nascimento, E. (2019). Resiliência psicológica: Da primeira fase às abordagens baseadas em trajetória. *Revista Memorandum*, 36, 1-31. Recuperado em 20 de agosto de 2019, de periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6875.
- Brown, R., Wey H., & Foland, K. (2018). The relationship among change fatigue, resilience, and job satisfaction of hospital staff workers. *Journal of Nursing Scholarship*. 50(3), 306-313. doi: 10.1111/jnu.12373.
- Bruce, W. (2000). Spirituality in public service. *International Journal of Organization Theory and Behavior*, 3(4), 599-632.
- Busnello, F., Schaefer, L., & Kristensen, C. (2009). Eventos estressores e estratégias de coping em adolescentes: Implicações na aprendizagem. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 13(2), 315-323.
- Cacciope, R. L. (2000). Creating spirit at work: Re-visioning organization development and leadership – Part II. *Leadership & Organization Development Journal*, 21(1), 48-54. doi: 10.1108/01437730010310730.
- Campbell-Sills, L., & Stein, M. B. (2007). Psychometric analysis and refinement of the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC): validation of a 10-item measure of resilience. *Journal of Traumatic Stress*, 20(6), 1019-1028. doi: 10.1002/jts.20271.
- Campbell-Sills, L., Forde, D., & Stein, M. B. (2009). Demographic and childhood environmental predictors of resilience in a community sample. *Journal of Psychiatric Research*, 43(12), 1007-

1012. doi:10.106/j.psychires.2009.01.013.

- Cavanagh, G. F., & Bandsuch, M. R. (2002). Virtue as a benchmark for spirituality in business. *Journal of Business Ethics*, 38(1-2), 109-117.
- Chiavenato, I. (2014). *Introdução à teoria geral da administração* (9.ª ed.). São Paulo: Manole.
- Collis, J., & Hussey, R. (2005). *Pesquisa em administração: Um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação* (2.ª ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Journal of Depression and Anxiety*, 18(2), 76-82. doi: 10.1002/da.10113.
- Coutu, D. L. (2002). How resilience works. *Harvard Business Review Magazine*, 80(5), 46-50, 52, 55 passim.
- Denyer, D. (2017). *Organizational Resilience: A summary of academic evidence, business insights and new thinking*. Cranfield: BSI and Cranfield School of Management Cranfield University.
- Derakhshanrad, S. A., Piven, E., Rassafiani, M., Hosseini, S. A., & Shahboulaghi, F. M. (2014). Standardization of Connor-Davidson Resilience scale in Iranian subjects with cerebrovascular accident. *Journal Rehabilitation Sciences and Research*, 1(4), 73-77. DOI: 10.30476/JRSR.2014.41059.
- Dias, M. (2004). O desafio da gestão de pessoas diante da necessidade de conciliação entre competitividade e humanização. *Revista de Administração da Universidade Metodista de Piracicaba*, 2(2), 66-76.
- Dicionário Etimológico (2018). *Origem da palavra religião*. Recuperado em 15 de outubro de 2019, de <https://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/>
- Emmons, R. (1999). *The psychology of ultimate concerns: Motivation and spirituality in personality*. New York: The Guilford Press.
- Emmons, R. (2000). Is Spirituality an intelligence? Motivation, cognition, and the psychology of ultimate concern. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 10(1), 3-26. doi: 10.1207/S15327582IJPR1001_2.
- Ferreira, M. P. L. (2015). Os olhares filosóficos orientais e ocidentais sobre a inteligência espiritual e suas possíveis convergências. *Revista Pontifex: Ciência, Filosofia, Arte e Tradições Sapienciais*, (1)2, 1-19. Recuperado em 24 de agosto de 2019 de <http://www.revistapontifex.org.br>.
- Filho, J. A. R. G. (2014). A resiliência e seus desdobramentos: a resiliência familiar. *Revista Psicologia*, 1-15. Recuperado em 10 de setembro de 2019 de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0806.pdf>.
- Fortin, M. F., Côté, J., & Fillion, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Foucault, M. A. (2006). *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fredrickson, B. L. (2013, July). Updated thinking on positivity ratios. *Journal of American Psychologist*, 68(9), 814-822 doi: 10.1037/a0033584.

- Fry, L. W., Hannah, S. T., Noel, M., & Walumbwa, F. O. (2011). Impact of spiritual leadership on unit performance, *The Leadership Quarterly Journal*, 22(2), 259–270. doi: 10.1016/j.leaqua.2011.02.002.
- Gardner, H. (1983). *Estruturas da mente: A teoria das múltiplas inteligências*. Porto Alegre: Artmed.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências múltiplas: A teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Garnezy, N. (1974). The study of competence in children at risk for severe psychopathology. In E. J. Anthony & C. Koupernick (Eds.), *The child in his family: Children at psychiatric risk* (pp. 77-97). New York: Wiley.
- Garnezy, N., Masten, A. S., & Tellegen, A. (1984). The study of stress and competence in children: A building block for developmental psychopathology. *Journal of Society for Research in Child Development*. 55(1), 97-111. doi: 10.2307/1129837.
- Garnezy, N., & Masten, A. S. (1985). Risk, vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. In B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 1-52). New York: Plenum Press.
- Gillespie, B. M., Chaboyer, W., & Wallis, M. (2009). The influence of personal characteristics on the resilience of operating room nurses: a predictor study, *International Journal of Nursing Studies*. 46(7), 968-976. doi: 10.1016/j.ijnurstu.2007.08.006.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. São Paulo: Objetiva.
- Gucciardi, D. F., Jackson, B., Coulter, T. J., & Mallett, C. J. (2011). The Connor-Davidson Resilience scale (CD-RISC): Dimensionality and age-related measurement invariance with Australian cricketers. *Psychology of Sport and Exercise Journal*, 12(4), 423-433. doi: 10.1016/j.psychsport.2011.02.005.
- Gutz, L., & Camargo, B. V. (2013). Espiritualidade entre idosos mais velhos: Um estudo de representações sociais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(4), 793-804. doi: 10.1590/S1809-98232013000400013.
- Hoge, E. A., Austin, E. D., & Pollack, M. H. (2007). Resilience: Research evidence and conceptual considerations for posttraumatic stress disorder. *Official Journal of the Anxiety and Depression Association of America*, 24(2), 139–152. doi: 10.1002/da.20175.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva p. 1630. Houaiss, A. (2009). *Dicionário eletrônico Houaiss*. São Paulo: Objetiva, CD-ROM.
- Houpy, J. C., Lee, W. W., Woodruff, J. N., & Pincavage, A. T. (2017). Medical student resilience and stressful clinical events during clinical training, *Journal of Medical Education Online*. 22(1): 1320187. doi: 10.1080/10872981.2017.1320187.
- Huang, M. F. (2009). *Resilience in chronic disease: The relationship among risk factors, protective factors, adaptive outcomes, and the level of resilience in adults with diabetes*. Tese de doutoramento inédita, University of Queensland, Institute of Health and Biomedical Innovation School of Nursing and Midwifery, Australia.
- Infurna, F. J., & Luthar, S. S. (2016). Resilience to major life stressors is not as common as thought.

Perspectives on Psychological Science Journal, 11(2), 175-194. doi: 10.1177/1745691615621271.

- Infurna, F. J., & Luthar, S. S. (2017). Parent's adjustment following the death of their child: Resilience is multidimensional and differs across outcomes examined, *Journal of Research in Personality*, 68, 38-53. doi: 10.1016/j.jrp.2017.04.004.
- Infurna, F. J., & Jayawickreme, E. (2019). Fixing the growth illusion: New directions for research in resilience and posttraumatic growth, *Journal of the Association for Psychological Science*, 28(2), 152-158.
- Job, F. P. (2003). *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações*. Tese de doutoramento inédita, Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas, São Paulo.
- Jørgensen, I. E., & Seedat, S. (2008). Factor structure of the Connor-Davidson Resilience scale in South African adolescents. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20(1), 23-32. doi: <https://doi.org/10.1515/IJAMH.2008.20.1.23>.
- Jowkar, B., Friborg, O., & Hjemdal, O. (2010). Cross-cultural validation of the Resilience scale for Adults (RSA) in Iran. *Scandinavian Journal of Psychology*, 51(5), 418-425.
- Kale, S. H. (2004). Spirituality, religion, and globalization. *Journal of Macromarketing*, 24(2), 92-107.
- Kauark, F. S., Manhães, F. C., & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: Um guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.
- Khosravi, M., & Nikmanesh, Z. (2014). Relationship of spiritual intelligence with resilience and perceived stress. *Iranian Journal of Psychiatry Behavioral Sciences*, 8(4), 52-6.
- King, D. B. (2008). *Rethinking claims of spiritual intelligence: A definition, model, and measure*. Dissertação de mestrado inédita, Trent University, Faculty of Arts and Science, Peterborough, Ontario, Canada.
- King, D. B., Mara, S., & DeCicco, T. L. (2012). Connecting the spiritual and emotional intelligences: Confirming an intelligence criterion and assessing the role of empathy. *International Journal of Transpersonal Studies*, 31(1), 11-20.
- Lamond, A. J., Depp, C. A., Allison, M., Langer, R., Reichstadt, J., Moore, D. J., Golshan, S., Ganiats, T. G., & Jeste, D. V. (2008). Measurement and predictors of resilience among community-dwelling older women. *Journal of Psychiatric Research*, 43(2), 148-154. doi: 10.1016/j.jpsychires.2008.03.007.
- Leão, E. M. S. F. (2017). *Novas perspectivas entre resiliência e espiritualidade através de escalas psicológicas*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo.
- Lee, D., Cha, B., Park, C.S., Kim, B. J., Lee, C. S., Lee, S. J., Seo, J. Y., Cho, Y. A., Ha, J. H., & Choi, J. W. (2017). Effects of resilience on quality of life in patients with bipolar disorder. *Journal of Affective Disorders*, 207, 434-401.
- Levasseur, M., Roy, M., Michallet, B., St-Hilaire, F., Maltais, D., & Généreux, M. (2017). Associations between resilience, community belonging and social participation among community-dwelling

- older adults: Results from the Eastern Townships Population Health Survey. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, 98(12), 2422-2432. Doi: 10.1016/j.apmr.2017.03.025.
- Lima, L., Lemos, M. S., & Guerra, M. P. (2002). Estudo das qualidades psicométricas do SCSI (Schoolagers' Coping Strategies Inventory) numa população portuguesa. *Revista Análise Psicológica*, 20(4), 555-570. doi: 10.14417/ap.20.
- Liu, D. W. Y., Fairweather-Schmidt, A. K., Burns, R., & Roberts, R. M. (2015). The ConnorDavidson Resilience scale: Establishing invariance between gender across the lifespan in a large community-based cohort. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 37, 340-348. doi: 10.1007/s10862-014-9452-z.
- Lloyd, K. D., Katz, A. S., & Pronk, N. P. (2016). Building emotional resilience at the workplace: A healthpartners case study. *American College of Sports Medicine's Health & Fitness Journal*, 20(1), 42-46. doi: 10.1249/FIT.0000000000000170.
- Loiola, E. S. C. (2015). *Impacto da resiliência e da autoeficácia sobre burnout em profissionais de enfermagem*. Dissertação de mestrado inédita, Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade da Saúde, São Bernardo do Campo.
- Lopes, V. R., & Martins, M. C. F. (2011). Validação fatorial da escala de resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11(2), 36-50. Recuperado em 19 de novembro, de 2019 de <http://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpot/index>.
- Lundman, B., Strandberg, G., Eisemann, M., Gustafson, Y., & Brulin, C. (2007). Psychometric properties of the Swedish version of the Resilience scale. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 21, 229-237.
- Luthans, F., & Youssef, C. M. (2007). Emerging positive organizational behavior. *Journal of Management*, 33(3), 321-349.
- Luthar, S. S. (2006). Resilience in development: A synthesis of research across five decades. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: Risk, disorder, and adaptation* (pp. 740-795). Hoboken, NJ: Wiley.
- Machado, A. P. O. (2010). *Resiliência e promoção de saúde: Uma relação possível*. Recuperado em 19 de dezembro de 2019 de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0516.pdf>.
- Marselle, M. R., Warber, S. L., & Irvine, K. M. (2019). Growing resilience through interaction with nature: Can group walks in nature buffer the effects of stressful life events on mental health? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(6), 986; doi: 10.3390/ijerph16060986.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2009). *Fundamentos de metodologia científica* (6.ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Margis, R., Picon, P., Cosner, A. F., & Silveira, R. O. (2003). Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Revista de Psiquiatria*, 25(1), 65-74. <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a08v25s1>
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (7.ª ed.) Lisboa: Sílabo.

- Martella, R. C., Nelson, J. R., & Marchand-Martella, N. E. (1999). *Research methods: Learning to become a critical research consumer*. Boston: Allyn & Bacon.
- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (2003). *A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Centauro.
- Marwitz, J. H., Sima, A. P., Kreutzer J. S., Dreer, L. E., Bergquist, T. F., Zafonte, R., Johnson-Greene, D., & Felix E. R. (2017). Longitudinal examination of resilience after traumatic brain injury: A traumatic brain injury model systems study. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, *99*(2), 264-271. doi: 10.1016/j.apmr.2017.06.013.
- Masten, A, Best, K., & Garmezy, N. (1990). Resilience and development: Contributions from the study of children who overcome adversity. *Journal of Development and Psychopathology*, *4*(2), 425-444. doi: 10.1017/S0954579400005812.
- Mitroff, I. I., & Denton, E. A. (1999). *A spiritual audit of corporate america: A hard look at spirituality, religion, and values*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Moraes, S. C. S., Resende, L. M., & Leite, M. L. G. (2007, setembro). *Resiliência organizacional: Atributo de competitividade na era da incerteza*. Congresso internacional de administração, Ponta Grossa. Recuperado em 8 de novembro 2019, de <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/115/1/Edna%20Rodrigues%20Bedani.pdf>
- Moreira, A. C. F. (2012). *Resiliência e coping: A exposição à violência interparental enquanto experiência traumática*. Dissertação de mestrado inédita, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Moreira-Almeida, A., Neto, L. F., & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: A review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, *28*(3), 242-250.
- Motta, F. C. P. (1971). A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. *Revista de Administração Empresarial*, *11*(1), 23-41. doi: 10.1590/S0034-75901971000100003.
- Munhoz, F. (2014). *Resiliência e psicologia positiva*. Recuperado em 16 de outubro 2019, de <https://www.psicologiapositivabr.com/resiliencia.html>
- Pacheco, P. A. (2012). *Espiritualidade nas organizações ligadas ao desenvolvimento: Uma abordagem etnográfica transcultural*. Dissertação de mestrado inédita, Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto.
- Pais-Ribeiro, J., & Pombeiro, T. (2004). Relação entre espiritualidade, ânimo e qualidade de vida em pessoas idosas. In J. L. Pais-Ribeiro & I. Leal (Eds.), *Actas do 5.º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 757-769). Lisboa: ISPA.
- Park, J., Seager, T. P., Rao, P. S., Convertino, M., & Linkov, I. (2013). Integrating risk and resilience approaches to catastrophe management in engineering systems. *Behalf Society of Risk Analysis Journal*, *33*(3), 356-367. doi:10.1111/j.1539-6924.2012.01885x.
- Persinger, M. A. (1993). Paranormal and religious beliefs may be mediated differentially by subcortical and phenomenological processes of the temporal (limbic) lobes. *Perceptual and Motor Skills Journal*, *76*(1), 247-251.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de

- proteção. *Revista Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416. doi: 10.1590/S0103-166X2008000300009.
- Rego, A., & Cunha, M. P. (2013). *Liderança positiva* (3.^a ed.). Lisboa: Silabo.
- Rego, A., Souto, S., & Cunha, M. P. (2007). Espiritualidade nas organizações, positividade e desempenho. *Revista de Comportamento Organizacional e Gestão*, 13(1), 7-36.
- Reivich, K., & Shatté, A. (2002). *The resilience factor. Seven essential skills for overcoming life's inevitable obstacles*. New York: Broadway Books, Random House.
- Reppold, C. T., Mayer, J. C., Almeida, L. S., & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da resiliência: Controvérsia em torno do uso das escalas. *Revista de Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 248-255. doi: 10.1590/S0102-79722012000200006.
- Resiliencecenter.com. (2019). *Discovering your resilience core: The resilience center*. Recuperado em 5 de julho 2019 de <http://www.resiliencecenter.com/library/current-thinking-on-resilience/discovering-your-resilience-core/>
- Rooke, M. I., & Pereira-Silva, N. L. (2012). Resiliência familiar e desenvolvimento humano: Análise da produção científica. *Revista de Psicologia em Pesquisa*, 6(2), 179-186. doi: 10.5327/Z1982-12472012000200011.
- Rosenberg, A. R., Syrjala, K. L., Martin, P.J., Flowers, M. E., Carpenter, P. A., Salit, R. B., Baker, K. S., & Lee, S. J. (2015). Resilience, health, quality of life among long-term survivors of hematopoietic cell transplantation. *Cancer Journal*, 121(23), 4250-4257. doi: 10.1002/cncr.29651.
- Rotili, L. B., Baggio, D. K., Dessbesell, V. H., & Grzybovski, D. (2017, outubro). *Espiritualidade no ambiente de trabalho: Estudo empírico com estudantes trabalhadores*. XXII Jornada de Pesquisa, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *The British Journal of Psychiatry*, 147(6), 598-611. doi: 10.1192/bjp.147.6.598
- Sabbag, P. Y. (2012). *Resiliência: Competência para enfrentar situações extraordinárias na vida profissional*. São Paulo: Elsevier.
- Seib, C., Porter-Steele, J., Ng, S. K., Turner, J., McGuire, A., McDonald, N., Balaam, S., Yates, P., McCarthy, A., & Anderson, D. (2018). Life stress and symptoms of anxiety and depression in women after cancer: the mediating effect of stress appraisal and coping. *Psycho-Oncology: Journal of the Psychological, Social and Behavioral Dimensions of Cancer*, 27(7), 1787-1794. doi: 10.1002/pon.4728.
- Sharma, P., Charak, R., & Sharma, V. (2009). Contemporary perspectives on spirituality and mental health. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 31(1), 16-23. doi:10.4103/0253-7176.53310.
- Silva, L. M. K. (2001). Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. Emmons. *Rever, Revista de Estudos da Religião*, 3, 47-64.
- Silva, F. R., & Silva, R. C. L. (2010). Espiritualidade e transcendência: Reflexões acerca do (des)cuidado de enfermagem na era tecnológica. *Revista Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco*, 4(3), 1180-1187.

- Solomon, R. C. (2003). *Espiritualidade para céticos: Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sousa, A. B., & Salgado, T. D. M. (2015). Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. *Revista Liberato*, 16(6), 101-220.
- Sousa, F. A. (1992). *Novo dicionário Lello latino/português*. Porto: Lello & Irmão.
- Sternberg, R. (2005). *Inteligência de sucesso*. Lisboa: Ésquilo.
- Taboada, N. G., Legal, E. J., & Machado, N. (2006). Resiliência: Em busca de um conceito. *Journal of Human Growth and Development*, 16(3), 104-113.
- Taranu, O. (2011). *Estudo da relação entre resiliência e espiritualidade numa amostra portuguesa*. Dissertação de mestrado inédita, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Lisboa.
- Tavares, J. (2002). *Resiliência e educação (Org.)* (3.^a ed.). São Paulo: Cortez.
- Tecchio, E. L. (2015). *A influência da espiritualidade no processo de gestão do conhecimento em empresas de base tecnológica*. Tese de doutoramento inédita, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis.
- Tedeschi, R. G., Park, C. L., & Calhoun, L. G. (1998). Posttraumatic growth: Positive changes in the aftermath of crisis. Mahwah. *Journal of Psychological Inquiry*, 15(1), 1-18. doi: 10.1207/s15327965pli1501_01.
- Teixeira, H. J. B., Ghedin, E., & Correia, S. R. S. (2009). Didática e aprendizagem da inteligência e seus processos pedagógicos no ensino de ciências. *Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 3(2), 37-42.
- Teixeira, L. F. L., & Santana, L. C. (2015). Um olhar sobre a resiliência na visão de gestores e colaboradores. *Revista de Iniciação Científica* 2(1), 14-32. Recuperado em 25 de novembro de 2019, de https://www.cairu.br/riccairu/pdf/artigos/1/2_OLHAR_RESILIENCIA_VISAO_GEST_COLAB.pdf
- Terrill, A. L., Molton, I.R., Ehde, D.M., Amtmann, D., Bombardier, C. H., Smith, A. E., & Jensen, M. P. (2016). Resilience, age, and perceived symptoms in persons with long-term physical disabilities. *Journal of Health Psychology*, 21(5), 640-649. doi: 10.1177/1359105314532973.
- Tischler, L., Biberman, J., & Mckeage, R. (2002). Linking emotional intelligence, spirituality and workplace performance. Definitions, models and ideas for research. *Journal of Managerial Psychology*, 17, 203-218. doi: 10.1108/02683940210423114
- Tomlinson, J., Glenn, E. S., Paine, D. R., & Sandage, S. J. (2016). What is the «relational» in relational spirituality? A review of definitions and research directions. *Journal of Spirituality in Mental Health*, 18(1), 55-75. doi: 10.1080/19349637.2015.1066736.
- Torralba, F. (2017). *Inteligencia espiritual, Francesc Torralba* [Ficheiro em Vídeo]. Recuperado em 20 outubro de 2019, de <https://www.youtube.com/watch?v=sOatz-ePLSk>
- Trindade, M. F. (2011). *Inteligência emocional e resiliência: Estudo exploratório junto a uma população*

universitária. Dissertação de mestrado inédita, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto.

- Vasconcelos, A. F. (2007). *Espiritualidade no ambiente de trabalho: Dimensões, reflexões e desafios*. São Paulo: Atlas.
- Wilks, S. (2006). Intrinsic spirituality among Alzheimer's caregivers: A pathway to resiliency. *Advances in Social Work Journal*, 7(1), 67-89. doi: 10.18060/121.
- Wu, Z., Liu, Y., Li, X., & Li, X. (2016). Resilience and associated factors among Mainland Chinese women newly diagnosed with breast cancer. *Plos One Journal*, 11(12). doi: 10.1371/journal.pone.0167976.
- Yu, X., Lau, J. T. F., Mak, W. W. S., Zhang, J., Lui, W. W. S., & Zhang, J. (2011). Factor structure and psychometric properties of the Connor-Davidson Resilience scale among Chinese adolescents. *Journal of Comprehensive Psychiatry*, 52(2), 218-224.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Revista Psicologia em Estudo*, 8, 75-8.
- Zamani, S. N., & Hajjalizadeh, K. (2015). Studying effect of instructing spiritual intelligence on life quality and psychological well-being in patients with multiple sclerosis. *South Journal of Educational Psychology and Counseling*, 2(1), 28-36.
- Zohar, D., & Marshall, I. (1997). *Rewiring the corporate brain: Using the new science to rethink. how we structure and lead organizations*. San Francisco: Berrett-Koelher.
- Zohar, D., & Marshall, I. (2004). *Inteligência espiritual: QEs*. Lisboa: Lisboa: Sinais de Fogo.
- Zohar, D., & Marshall, I. (2012). *Inteligência espiritual: QEs – Aprenda a desenvolver a inteligência que faz a diferença*. Rio de Janeiro: Viva Livros.

Apêndices

Do que falamos quando falamos em inteligência?	
Qualidades de uma pessoa espiritualmente inteligente	
SENTIDO DA EXISTÊNCIA	Faculta o indivíduo a se interrogar pelo sentido, pela razão de ser. Costuma aflorar quando se passa por algum conflito ou dificuldade. Estas perguntas estão no ser humano e se não se desenvolve a inteligência espiritual, podemos viver uma vida sem sentido. Não há uma resposta concluinte para estas questões, mas há a capacidade de refletir e lidar com a exploração de respostas. Quando se busca por respostas a estas perguntas na inteligência racional não se obtém respostas, pois só a IE nos capacita a lidar com as perguntas fundamentais que nos podem dar sentido a existência.
TOMAR DISTÂNCIA DA REALIDADE	O indivíduo se torna observador dele mesmo. Que tipo de relação tenho com meus semelhantes? Que tipo de relação tenho com minhas crenças, minhas paixões, meu passado, meu futuro? Examinar a si mesmo, para viver o próximo dia de outro modo. O indivíduo inteligente espiritualmente consegue estabelecer vínculos, mas toma distância e questiona suas próprias crenças. É algo que um fanático não pode fazer, tomar distância daquilo que crê, de submeter a juízo, de examiná-lo, de ver se há consistência ou não. O indivíduo inteligente espiritualmente tem capacidade de avaliar suas crenças e detetar também sua fragilidade ou sua grandeza.
TRANSCENDER	A palavra transcendência assim como inteligência espiritual é cruzar um limite. Ir mais adiante da forma habitual de pensar. Se pergunta pelo que é desconhecido, o que não se é explorado. Ir mais além de tópicos, pré-conceitos, juízos e estereótipos. Quantas pessoas vivem de conceitos e pré-conceitos que repetem de geração em geração? Generalizações? "eu sou assim", "isto é assim", "aquela pessoa tem estas características". Transcender o tópico significa pôr essas questões em parenteses, em questão. Quer dizer que aquilo é assim? Primeiro vou deixar que a realidade fale. Depois terei juízo de dizer se aquilo é assim ou não.
SURPREENDER-SE	Capacidade de maravilhar-se, deslumbrar-se, interrogar-se. Surpreender-se do cotidiano e de tudo ao seu redor. Se converter numa pergunta viva, se pergunta

Do que falamos quando falamos em inteligência?	
Qualidades de uma pessoa espiritualmente inteligente	
	sobre tudo, pois está admirado de tudo ao seu redor. Prazer profundamente espiritual, que é o prazer que experimentamos do deslumbramento das artes, da natureza, da filosofia, da beleza e funcionamento das coisas.
SENTIR-SE PARTE DE UM TODO	Sentir-se parte da lei que constitui a realidade. Dá-se conta de tudo que há e captar com clareza a natureza interdependente de tudo o que existe. Ver aquilo que une o meu ser com o ser de outro. O que une as realidades aparentemente dicotômicas ou diferentes. Dar-se conta de que não é o centro do mundo e, portanto, não há periferia; mas que faz parte de uma rede onde tudo está conectado.
INVESTIGAR A RAZÃO QUE TEMOS NO MUNDO	Examinar nossa vocação, missão, chamado, dharma. Não nascemos com uma missão incorporada e que temos de fazê-la cumprir. Temos de ter capacidade de elucidar, pois saber a vocação e não a realizar é a infelicidade da vida. Vocação significa ouvir o chamado e entendê-lo. É a chave para identificar o objetivo e o fim. O que conecta com o primeiro conceito. Há uma verdadeira angústia de encontrar essa vocação. Seguir a vocação significa um bem para a pessoa e um bem para quem está com ela.
VIVÊNCIA DO MOMENTO PRESENTE	A IE nos permite algo que é isto de prestar atenção aquilo do que agora me apetece, do que agora estou vivendo. Isto é interessante porque curiosamente está tendo um efeito enorme em áreas muito alargadas do conhecimento. Em muitas literaturas encontradas é comum a IE aquela pessoa que esta plenamente presente no que faz como se não houvesse nada mais no mundo. Aquele nível de atenção plena, concentração plena que o faz ser mais hospitalar, atento no que está fazendo, seja na ordem que seja. Se a pessoa está dispersa, no futuro ou no passado, esse agora tem passado e não o terá vivido. Este quadro que contempla, não o contempla nesta realidade.

Fonte: Elaborado a partir do discurso de Torralba (2017)

Apêndice II – Permissão de utilização da SISRI-24

01/07/2019

GmaZ - Permission to use SISRI-24



Vanessa Gomes <vanessa.gomes189@gmail.com>

Permission to use SISRI-24

5 mensagens

Vanessa Gomes <vanessa.gomes189@gmail.com>
Para: davidking2311@gmail.com

29 de junho de 2019 13:29

Dear Professor King,

My name is Vanessa A. Gomes and I am a Master student at the University of Minho in Braga, Portugal, undertaking my thesis process. I am interested in using your SISRI-24 instrument and getting it validated for Portuguese. I still foresee to find empirical data to support my hypothesis that there is a correlation between Spiritual Intelligence and Emotional Intelligence in management. Could you please give me your permission to proceed with my research using your instrument? And, is it possible if I use only 2 subscales? My target audience is very busy and I am afraid to receive few answerings for my research as I need it as soon as possible. My Master's advisor and I will be very thankful to you! I am looking forward to hear from you.

Yours sincerely,

[JOFOSSO](#)
[Student ID: PC34280](#)

*Escola de Economia e Gestão
Universidade do Minho - Campus de Gualtar, Rua da Universidade, 4710-057 Braga, Portugal.
My contacts: vanassa.gomes189@gmail.com - +351 935 370 303*

David King <davidking2311@gmail.com>
Para: Vanessa Gomes <vanessa.gomes189@gmail.com>

1 de julho de 2019 15:12

Hi Vanessa,

Yes you're welcome to use the scale. And I wouldn't see any issues with using only certain subscales.

All the best,
David

David King, PhD

Instructor, Department of Psychology / Researcher, Centre for Health & Coping Studies
University of British Columbia - located on *the traditional, unceded territory of the Aft/squeam people*.
Visit my website: davidbking.net / Blog: thestateofus.net

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Vanessa Gomes <vanessa.gomes189@gmail.com>
Para: David King <davidking2311@gmail.com>

1 de julho de 2019 18:42

Now I see... **My** thesis is about **The Relationship Between Spiritual Intelligence and Emotional Resilience In Management**. In the first email I sent I'd wrote quickly and put Emotional Intelligence. Just correcting.

Thank you for all

[Texto das mensagens anteriores oculto]

[Vanessa Gomes](#)

Apêndice III – Permissão de utilização da escala SISRI-24 validada para o português (PT), IAIE-16

30/04/2020

Gmail - Permissão para utilização da escala validada para o português SISRI-24



Vanessa Gomes <vanessa.gomes189@gmail.com>

Permissão para utilização da escala validada para o português SISRI-24

6 mensagens


Vanessa Gomes <vanessa.gomes189@gmail.com>
Para: roquerantunes@gmail.com

3 de julho de 2019 12:00

Exma. Dra. Antunes,

Venho através deste email solicitar a versão validada para o português da escala SISRI-24. Minha orientadora e eu encontramos este artigo, em anexo, seu em inglês. Sou estudante da Universidade do Minho e atualmente encontro-me na fase de constructo do meu questionário para minha tese sobre a Relação entre a Inteligência Espiritual e a Resiliência Emocional. Agradeço pelo tempo dispendido.

Com os melhores cumprimentos,
Vanessa Gomes





 **Antunes et al (2018).pdf**
592K


Roque Antunes <roquerantunes@gmail.com>
Para: Vanessa Gomes <vanessa.gomes189@gmail.com>

3 de julho de 2019 23:44

Sim Vanessa, Vou tratar disso em breve. Ligue-me por favor. Pode contar comigo.
telemóvel [REDACTED]
Obrigado
Até breve

Apêndice IV – Permissão de utilização da escala CD-RISC-10

 **Jonathan Davidson, M.D.** <jonathan.davidson@duke.edu> seg., 1 de jul. 18:46   
para eu ▾

 inglês ▾ > português ▾ [Traduzir mensagem](#) [Desativar para: inglês](#) ×

Dear Vanessa:

Thank you for your inquiry about the **RISC-10**, which we would be pleased to send in the Portuguese version. Can you kindly complete and return the two forms, and remit payment of the \$30 fee? As soon as that is done, the scale will be sent.

Best wishes,

Jonathan Davidson

The formularies you sent and the payment receipt are attached to this email
I would like the **CD-RISC-10** in Portuguese from Portugal.
There was one question I couldn't understand... but if you have any doubt with my answers just let me know

I hope to hear from you soon!

Yours sincerely,
Vanessa Gomes.



 **Jonathan Davidson, M.D.** <jonathan.davidson@duke.edu> 15 de jul. de 2019 01:55   
para eu ▾

 inglês ▾ > português ▾ [Traduzir mensagem](#) [Desativar para: inglês](#) ×

Dear Vanessa:

Thank you for your reply and payment. It is my pleasure to enclose the **RISC-10** and user's manual. If I can be of further assistance, please do not hesitte to get in touch.

Wishing you success in your work with the scale.

Jonathan Davidson

Anexos

Anexo 1 – Questionário sociodemográfico

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	
1. Idade	Menos de 25 anos de 26 a 35 anos de 36 a 45 anos de 46 a 55 anos de 56 a 65 anos Acima de 66 anos
2. Género	Masculino Feminino
3. Estado Civil	Solteiro(a) União de Facto Casado(a) Divorciado(a) Viúvo(a)
4. Quais são suas habilitações académicas?	Até o 9º Ano de Escolaridade 12º Ano de Escolaridade Especialização ou Grau Técnico Licenciatura Mestrado Doutoramento / Pós-Doutoramento
5. Em que nível da gestão se encontra?	Gestão de Topo (Cargos estratégicos dentro da organização) Gestão de Intermédio (Gestão tática ou de divisão. Faz a supervisão da Gestão de Linha colocando em prática as decisões tomadas pela gestão de topo) Gestão de Linha (Gestão operacional. Responsável por lidar diretamente com a Linha de frente ou funcionários operacionais da organização)

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

6. Qual o seu tempo de experiência profissional?	Inferior a 5 anos Entre 6 a 10 anos Entre 11 a 15 anos Entre 16 a 20 anos 21 anos ou mais
7. Qual sua antiguidade na organização?	Inferior a 5 anos Entre 6 a 10 anos Entre 11 a 15 anos Entre 16 a 20 anos 21 anos ou mais
8. Qual sua antiguidade na função?	Inferior a 5 anos Entre 6 a 10 anos Entre 11 a 15 anos Entre 16 a 20 anos 21 anos ou mais
9. Religiosidade	Possui religião / pratica Possui religião / não pratica Não possui religião Possui outras crenças de vida

Anexo 2 – Escala de IE: The spiritual intelligence self-report inventory (SISRI-24)

The following statements are designed to measure various behaviours, thought processes, and mental characteristics. Read each statement carefully and choose which **one** of the five possible responses best reflects you by circling the corresponding number. If you are not sure, or if a statement does not seem to apply to you, choose the answer that seems the best. Please answer honestly and make responses based on how you actually are rather than how you would like to be. The five possible responses are:

0 – Not at all true of me | 1 – Not very true of me | 2 – Somewhat true of me | 3 – Very true of me | 4 – Completely true of me

For each item, circle the **one** response that most accurately describes **you**.

1. I have often questioned or pondered the nature of reality.	0	1	2	3	4
2. I recognize aspects of myself that are deeper than my physical body.	0	1	2	3	4
3. I have spent time contemplating the purpose or reason for my existence.	0	1	2	3	4
4. I am able to enter higher states of consciousness or awareness.	0	1	2	3	4
5. I am able to deeply contemplate what happens after death.	0	1	2	3	4
6. It is difficult for me to sense anything other than the physical and material.	0	1	2	3	4
7. My ability to find meaning and purpose in life helps me adapt to stressful situations.	0	1	2	3	4
8. I can control when i enter higher states of consciousness or awareness.	0	1	2	3	4
9. I have developed my own theories about such things as life, death, reality, and existence.	0	1	2	3	4
10. I am aware of a deeper connection between myself and other people.	0	1	2	3	4
11. I am able to define a purpose or reason for my life.	0	1	2	3	4
12. I am able to move freely between levels of consciousness or awareness.	0	1	2	3	4
13. I frequently contemplate the meaning of events in my life.	0	1	2	3	4
14. I define myself by my deeper, non-physical self.	0	1	2	3	4
15. When i experience a failure, i am still able to find meaning in it.	0	1	2	3	4
16. I often see issues and choices more clearly while in higher states of consciousness/awareness.	0	1	2	3	4

17. I have often contemplated the relationship between human beings and the rest of the universe.	0	1	2	3	4
18. I am highly aware of the nonmaterial aspects of life.	0	1	2	3	4
19. I am able to make decisions according to my purpose in life.	0	1	2	3	4
20. I recognize qualities in people which are more meaningful than their body, personality or emotions.	0	1	2	3	4
21. I have deeply contemplated whether or not there is some greater power or force (e.g., god, goddess, divine being, higher energy, etc.).	0	1	2	3	4
22. Recognizing the nonmaterial aspects of life helps me feel centered.	0	1	2	3	4
23. I am able to find meaning and purpose in my everyday experiences.	0	1	2	3	4
24. I have developed my own techniques for entering higher states of consciousness or awareness.	0	1	2	3	4

Total Spiritual Intelligence (SI) Score:

Sum all item responses or subscale scores (after accounting for *reverse-coded item). 24 items in total; range: 0 – 96

4 Factors/Subscales:

I. Critical Existential Thinking (CET):

Sum items 1, 3, 5, 9, 13, 17, and 21.

7 items in total; range: 0 – 28

II. Personal Meaning Production (PMP):

Sum items 7, 11, 15, 19, and 23.

5 items in total; range: 0 – 20

III. Transcendental Awareness (TA):

Sum items 2, 6*, 10, 14, 18, 20, and 22.

7 items in total; range: 0 – 28

IV. Conscious State Expansion (CSE):

Sum items 4, 8, 12, 16, and 24.

5 items in total; range: 0 – 20

*Reverse Coding: Item # 6 (response must be reversed prior to summing scores). Higher scores represent higher levels of spiritual intelligence and/or each capacity.

Anexo 3 – Inventário de autoavaliação de inteligência espiritual, IAIE, versão validada para o português (PT) da SISRI-24

As afirmações que se seguem são concebidas para medir vários comportamentos, processos de pensamento e características mentais. Leia cuidadosamente cada afirmação e escolha qual das 5 respostas possíveis se adequa melhor a si, selecionando o número correspondente. Se não tiver a certeza, ou se a afirmação lhe parecer não se aplicar a si, escolha a resposta que lhe parecer melhor. Por favor responda honestamente e dê respostas baseadas em como você é de facto e não como gostaria de ser.

As 5 respostas possíveis são:

0 – Não tem nada a ver comigo | 1 – não tem muito a ver comigo | 2 – tem alguma coisa a ver comigo | 3 – tem muito a ver comigo | 4 – tem tudo a ver comigo

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Interrogo-me ou reflito muitas vezes sobre a natureza da realidade. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. Dedico tempo a refletir sobre o propósito ou a razão de ser da minha existência. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Sou capaz de atingir níveis elevados de consciência ou de consciencialização. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. Sou capaz de refletir profundamente sobre o que acontece após a morte. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5. A minha capacidade para encontrar significado e propósito na vida ajuda-me a adaptar-me a situações estressantes. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 6. Consigo controlar quando é que entro em estados elevados de consciência ou de consciencialização. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 7. Tenho desenvolvido as minhas próprias teorias acerca da vida, da morte, da realidade e da existência. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8. Sou capaz de definir um propósito ou uma razão de ser para a minha vida. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |

9. Sou capaz de passar livremente entre níveis de consciência ou de consciencialização. 0 1 2 3 4
10. Vejo muitas vezes os problemas e as escolhas mais claramente em estados de consciência/consciencialização mais elevados. 0 1 2 3 4
11. Tenho refletido muitas vezes sobre a relação entre os seres humanos e o resto do universo. 0 1 2 3 4
12. Sou capaz de tomar decisões de acordo com o meu propósito na vida. 0 1 2 3 4
13. Reconheço qualidades nas pessoas que são mais significativas do que os seus corpos, personalidade ou emoções. 0 1 2 3 4
14. Tenho refletido profundamente sobre se existe ou não um poder ou força maior (ex. deus, deusa, ser divino, maior energia, etc.). 0 1 2 3 4
15. Sou capaz de encontrar significado e propósito nas minhas experiências quotidianas. 0 1 2 3 4
16. Tenho desenvolvido as minhas próprias técnicas para entrar em estados de consciência ou consciencialização mais elevados. 0 1 2 3 4

Pontuação total de inteligência espiritual: Some todos os itens de resposta ou pontuações de subescala. 16 Itens no total; Variação: 0 – 64.

3 Componentes/Dimensões/Subescalas

I. Pensamento Existencial Crítico (PEC)

Some os itens 1, 2, 4, 7, 11, 14.

6 itens no total; variação: 0 – 24

II. Produção de Significado Pessoal (PSP)

Some os itens 5, 8, 12, 13, 15.

5 itens no total; variação: 0 – 20

III. Expansão do Estado de Consciência (EEC)

Some os itens 3, 6, 9, 10, 16.

5 itens no total; variação: 0 – 20

*As pontuações mais elevadas representam os níveis mais elevados de inteligência espiritual e/ou de cada capacidade.